

Conservas de Peixe

REVISTA MENSAL



ETP

ANO IV
1949

N.º 41
AGOSTO

algarve exportador l.^{da}

SIÈGE À LISBONNE

FABRICANTES DA MARCA

NICE



CONSERVAS DE PEIXE • ARMADORES DE PESCA

LISBOA • SETUBAL • LAGOS • PENICHE • NAZARE MATOSINHOS

WZ.



SCHWARZ & EHRLICH

A G E N T E S D E I M P O R T A Ç Ã O

●
100 HUDSON STREET
NEW YORK 13, N. Y.

Endereço Telegráfico: SARDIPORT

●

Estamos habilitados para a venda de produção de primeira classe, do Sul e de Setúbal, em marcas Estrangeira e Portuguesa. Solicitamos aos Srs. Fabricantes, interessados em estabelecer uma Agência nos Estados Unidos, o favor de entrarem em contacto conosco.



VICTOR M. CALDERÓN Co.

ENDEREÇO TELEGRÁFICO
DELABARCA

FUNDADA EM
1923

99, HUDSON STREET
NEW YORK, 13

A PRIMEIRA CASA AMERICANA EM PRODUTOS PORTUGUESES

ESPECIALIZADA EM:

Conservas de Peixe, Pimentão,
Azeite de oliveira, Amêndoas, Frutos
secos e Cortiça

Fábrica: - SETÚBAL
Telefones: - 164 e 327
Telegramas: - SELISMA

LISBOA
R. JARDIM DO REGEDOR, 37-3.º
Telefones: { 3 1824
 { 3 3037
Telegramas: - SELISMA
Caixa Postal 712 (Central)

Fábrica: - MATOSINHOS
Telefone: - 623
Telegramas: - SELISMA

Conservas *Unitas*, Limitada

FABRICANTES - EXPORTADORES

CÓDIGOS:

A. B. C. 5th. & 6th. Ed.
BENTLEY S
MASCOTTE 2.º Ed.
NATIONAL FRANÇAIS
RUDOLF MOSSE E SUPL.
PRIVÉS

Sede: - LISBOA

Marcas Registradas:

CHAMEAU	MADALENA
BERRY	NICOLA
IRIS	MONICA
SILLED	UNITAS
SAMBA	

Marcas: Prado, Faina, Farnel e Merenda

Conservas Prado, L.^{da}

FÁBRICA DE CONSERVAS DE PEIXE

Rua de Brito Capelo, 1165

Telefone, 327-M Telegramas: "PRADO" Apartado 27

M A T O Z I N H O S



**E' DE SE LHE
TIRAR O CHAPEU**

**VENTRESCA
RAMIREZ**



POR GROSSO:
RAMIREZ & C., L.
R. AUGUSTA, 27, 2.
LISBOA - TELEF. 2 3620

GASPAR CARMO & IRMÃO
R. BONJARDIM, 324, 1.
PORTO - TELEF. 666

H & T. Walker Ltd

FUNDADA EM 1876

37, EASTCHEAP
LONDON, E. C. 3

IMPORTAÇÃO:

Conservas de sardinhas e outros peixes
Conservas de frutos e legumes
Frutos secos e todos os diferentes produtos alimentícios

EXPORTAÇÃO:

Matérias primas e máquinas para fábricas
Todas as espécies de produtos Britânicos

BREWSTER TRADING CORPORATION

99 HUDSON ST.
NEW YORK, 13

ENDERECO TELEGRÁFICO
DOGHORSE

ORGANIZADA EM 1941

EXPORTADORES E IMPORTADORES

EXPORTAÇÃO: Redes para Pesca, Folha de Flandres, Arame para Chaves, Maquinaria para a Indústria de Pesca, Produtos Químicos, etc.

IMPORTAÇÃO: Produtos Portugueses.

ESTABELECIDADA EM 1882

Strohmeyer & Arpe Company

IMPORTADORES
Distribuindo através de todos os
ESTADOS UNIDOS

139-141 FRANKLIN STREET
NEW - YORK, N. Y.
Endereço telegráfico: "Ryrabate"

The Norport Company, Inc.

99, Hudson Street ~ New York, N. Y.

ENDEREÇO TELEGRÁFICO:
P O R T N O R C O M

◆
Importadores de Con-
servas de Peixe de
Portugal e Colónias

A nossa organização de Vendas
cobre todos os Estados Unidos

Schroeder Bros Inc.

AGENTES DE FABRICANTES—DISTRIBUIDORES

Sardinhas — Atum — Filetes de Anchovas



Azeite de Oliveira — Frutos secos — Especialidades

AGENTES EXCLUSIVOS NOS ESTADOS UNIDOS
DAS PRINCIPAIS CASAS EUROPEIAS DESDE 1913

10 Beach Street NEW-YORK, N. Y. End. teleg. "Frader"

BIEN TRADING COMPANY, INC.

105 HUDSON STREET

NEW YORK, N. Y.

END. TELEG. : BIECODAR

*Importadores e distribuidores em todos os Estados Unidos
dos mais finos produtos alimentares*

ANCHOVAS — ATUM — SARDINHA — GÉNEROS ALIMENTÍCIOS

GRANADAISA FOODS, INC.

Sucessores de M. J. & H. J. Meyer Co., Inc.

Estabelecidos em 1890
New-York, N. Y. U. S. A.

Unicos importadores da marca
GRANADAISA
em Conservas Portuguesas
de Sardinhas, Anchovas e Atum
em Azeite Puro de Oliveira

A MARCA PREFERIDA PELOS EPICURISTAS HÁ MAIS DE UMA GERAÇÃO

ANO VI
N.º 41



Conservas de Peixe

AGOSTO
1949

REVISTA MENSAL

Director: JOSÉ ANTONIO FERREIRA BARBOSA

Editor e Proprietário: J. AGOSTINHO FERNANDES

Composição e impressão: SOCIEDADE ASTÓRIA, LDA.— Regueirão dos Anjos, 68—LISBOA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Av. Marquês de Tomar, 14-3.º—Tel. 5 3138-LISBOA

Sumário

A Cooperativa Entrepasto de Conservas de Peixe; Produção e Exportação; Production and Exportation; A propósito da normalização das latas para conservas; Mercados (Suíça); Um depoimento; Fábrica flutuante de conserva de carne de baleia; O mundo da pesca e da conserva; Cooperativa-Entrepasto; O peixe de Angola; O seguro mútuo na indústria da pesca; Matérias primas; Do carácter conservador da nossa indústria conserveira; Índice dos anunciantes; Pedidos de Representação; Pesca da sardinha

A COOPERATIVA-ENTREPOSTO DE CONSERVAS DE PEIXE

DEPOIS de, em dois artigos seguidos, ter feito a análise das causas reais que têm dado origem ao descalabro do nosso sistema comercial de vendas, publicou o sr. Ferreira Barbosa, no nosso número de Julho, as bases para a constituição de — A Cooperativa-Entrepasto de Conservas de Peixe, organismo regulador da colocação da produção e da oferta ao comércio exportador.

Parecerá, à primeira vista, estranho que havendo já o Instituto e os Grêmios se reconheça ainda a necessidade de criar um outro organismo para a defesa da indústria. A razão está em que, dentro da lei que instituiu a actual organização, o problema da regularização do preço das conservas não pode ter solução prática e eficaz.

O problema continua por resolver desde que em 1932, após a baixa catastrófica dos preços que fez supor no estrangeiro que Portugal estava fazendo o «dumping» das conservas, os industriais pediram ao Governo uma lei que os salvasse. A solução, porém, que a lei deu ao problema — a fixação de preços mínimos — tem mos-

trado, pela experiência, ser inoperante, por conter em si mesma o germe da fraude, e, infelizmente, não lhe pode dar aquela que melhor convém porque a orgânica corporativa proíbe aos seus organismos o exercício das funções de comércio.

Estamos, portanto, em 1949, nesta parte, como estávamos em 1931, ou antes, muito pior, porque a produção aumentou, alguns dos principais mercados europeus desapareceram, as restrições à importação são gerais em quase todos os países e os encargos de vária ordem que oneram a indústria muito superiores.

As vantagens que a organização proporciona, estão perigosamente ameaçadas se a indústria, que é a base e a origem destes benefícios, continuar em «deficit» crónico na sua exploração, vendendo a produção abaixo do preço de custo, como sucede já há anos.

Algumas fábricas fechadas e outras com os seus fundos de reserva ou o seu capital a diminuírem, são um grito de alarme que deveria abalar os que encerrados no seu egoísmo feroz não querem ouvir falar de organiza-

ções de interesse colectivo, supondo, na sua inconsciência ou maldade, que as calamidades só atingirão os outros.

Não compreenderam ainda que com esta guerra entrámos definitivamente num outro mundo, moral, social e economicamente diferente do que era anteriormente e que os sistemas que regulavam as relações comerciais entre os povos, vão desaparecendo para darem lugar a outros compatíveis com a nova estrutura económica que o mundo adoptou. A união como base da vida e o bem comum como sua finalidade, passaram a ser princípios fundamentais. São as próprias Nações que hoje nos dão o exemplo, ao associarem-se para a defesa dos seus interesses colectivos e abdicando de direitos de soberania que ainda há pouco eram considerados inalienáveis e sagrados. É necessário, pois, que nas actuais condições ruinosas da actividade industrial e comercial, «alguma coisa» se faça imediatamente na defesa do interesse geral. Há que reconhecer que tal qual como hoje produz e vende a indústria de conservas de peixe portuguesa caminha a passos largos para um desfecho trágico. O sistema em que trabalha é o de uma verdadeira lotaria em que todos, industriais, exportadores e importadores, perdem.

Não acreditamos que haja outra indústria no mundo que, deliberada e sistematicamente, esteja a produzir a um preço de custo superior ao que antecipadamente sabe que pode vender o produto. Este privilégio, estamos convencidos, pertence só à indústria de conserva de peixe portuguesa. Querem uma prova? O preço da produção de conservas de sardinha para esta safra está praticamente fixado pelo contrato inglês e pelo contingente francês. O que vemos na lota? Preços mais elevados do que os que a conserva permitem. E dia a dia, quer haja pouca ou muita sardinha, o mesmo facto se repete, como uma fatalidade a que se não pode fugir. Se nos transportamos aos mercados estrangeiros, verificamos que o importador perdeu a confiança no valor da conserva portuguesa. A sua qualidade superior nada vale quando o preço oscila sem nexo e cada compra é um prejuízo certo.

Descalabro na produção, descabro na venda e na distribuição; depois disto, o que se espera? Só o dilúvio...

O sr. Ferreira Barbosa veio a tempo com o seu projecto de «A Cooperativa-Entrepote de Conservas de Peixe». Trata-se de um trabalho inteligente, sério, bem meditado e exequível a que lhe falta somente acrescentar,

a título de esclarecimento, que a ideia da fixação do preço da sardinha na lota está nele implícita.

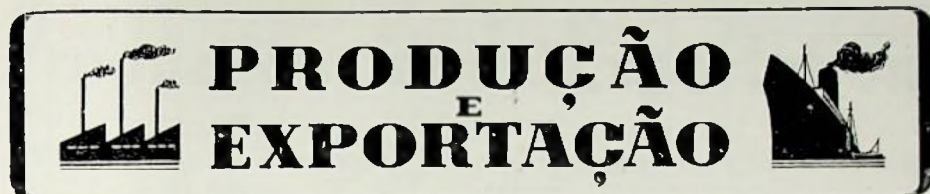
Baseado na organização das «Centrais» norueguesas, adaptada às necessidades e as condições próprias da indústria portuguesa, é mais uma garantia de que se não vai, com a sua execução, arrostar com as incertezas e os perigos de uma inovação. A indústria de conservas norueguesa tem a funcionar, há uns vinte anos, a sua «Central do Brisling», com este pormenor, que é o melhor penhor da sua eficiência: terminado o período de alguns anos que a lei lhe fixou, foi continuada a pedido dos próprios industriais. Mais tarde foram criadas as Centrais do Sild e do Kipper.

Todos sabem que os noruegueses não são menos ciãos das suas liberdades individuais do que os portugueses e que a sua cultura técnica industrial conserveira é superior à nossa. O laboratório de Stavanger com a sua equipa de químicos, físicos, biólogos, engenheiros mecânicos, é o melhor apetrechado no Mundo para o estudo dos problemas relacionados com a indústria de conservas de peixe.

Simplemente, os industriais noruegueses, perante a mesma desorganização comercial em que há anos nos debatemos, compreenderam que era necessário sacrificar o seu individualismo ao interesse geral e, inteligentemente, criaram as suas «Centrais».

Na — A Cooperativa-Entrepote de Conservas de Peixe, os industriais portugueses não perdem a sua iniciativa privada, mantêm a sua liberdade de comércio, conservam as suas marcas, vendem a quem quiserem e os comerciantes exportadores podem continuar com o seu comércio indo ali abastecer-se das conservas de que precisam. É claro que será necessário impor algumas restrições, exigir disciplina e aplicar a lei aos contraventores.

O projecto não pode ficar simplesmente arquivado nas páginas da nossa revista. Os «homens bons» da indústria são chamados a agir, a organizar um plano de acção e a dar realização à ideia. Se todos compreendem que vai no seu próprio interesse dar-lhe a adesão, tanto melhor. Se não, serão os que forem, com a certeza, porém, de que os que ficarem de fora supondo que disso tiram proveito, se enganam, porque nada se lhes consentirá que possa prejudicar os que querendo salvar-se, salvam, ao mesmo tempo, o bem estar de dezenas de milhar de operários, a economia das povoações que ao longo da costa vivem das indústrias da conserva e da pesca e a própria riqueza da Nação.



Situação no mês de Maio

PRODUÇÃO

Azeites ou Mólhos

A produção de conservas de peixe no mês de Maio foi de 58.920 caixas, assim distribuídas: 21.086 caixas de sardinha; 2.895 de cavala; 15.236 caixas de atum; 19.376 caixas de anchovas e 327 caixas de outras espécies.

Olhão foi o primeiro centro produtor com 22.021 caixas (37,3 %); o segundo foi V. R. de Santo António com 14.112 caixas (24 %) e o terceiro Portimão, com 12.163 caixas (20,6 %).

Em relação às espécies, Portimão foi o Centro que fabricou mais sardinha (10.503 caixas); Olhão, mais cavala (1.539 caixas) e anchovas (7.982 caixas); V. R. de Santo António, mais atum (10.175 caixas) e Setúbal mais outras espécies (188 caixas).

A produção de conservas em Maio foi superior à de Abril em 41.037 caixas e à de Maio do ano passado em 5.324 caixas.

Salmoura

A produção de conservas de salmoura em Maio foi de 580.664 quilos nas seguintes espécies: sardinha, 13.170 quilos; biqueirão, 561.799 quilos e atum 5.695 quilos.

Os centros produtores destas conservas, foram: Lisboa, 5.695 quilos de atum; Setúbal, 263 quilos de biqueirão; Lagos, 4.000 quilos de sardinha e 18.500 quilos de biqueirão; Portimão, 5.450 quilos de sardinha e 91.566 quilos de biqueirão e Olhão, 3.720 quilos de sardinha e 451.470 quilos de biqueirão.

A produção destas conservas em Maio foi superior à de Abril em

533.694 quilos e à de Maio do ano anterior em 525.959 quilos.

EXPORTAÇÃO

Por centros

Azeites ou Mólhos

A exportação de conservas em azeites ou mólhos, durante este mês, foi de 1.016.011 quilos (65.707 caixas) no valor de 20.250.150\$80, assim distribuídas pelas várias espécies: sardinha, 776.286 quilos (40.477 caixas); carapau, 2.669 quilos (141 caixas); cavala, 9.483 quilos (370 caixas); atum e similares, 56.119 quilos (3.137 caixas); anchovas, 165.948 quilos (21.301 caixas); lulas e chocos, 1.626 quilos (82 caixas) e outras espécies, 3.880 quilos (199 caixas), dos quais 2.897 quilos de antepasto.

O valor, neste mês, da exportação das várias conservas, foi: sardinha, 13.278.372\$02; carapau, 38.208\$84; cavala, 229.583\$43; atum e similares, 1.543.272\$50; filetes de anchova, 5.065.728\$65; lulas e chocos, 32.905\$36; outras espécies, 62.080\$.

Matosinhos foi o principal centro exportador com 382.637 quilos (20.347 caixas) ou 37,6 %; seguiu-se-lhe Setúbal com 192.895 quilos (15.403 caixas) ou 19 %, e depois Portimão, com 144.458 quilos (8.037 caixas) ou 14,2 %. Exportaram-se em Maio mais 14.849 caixas do que em Abril e menos 63.255 caixas do que em Maio de 1948.

Salmoura

A exportação desta conserva neste mês foi de 41.775 quilos, com o valor de 461.971\$00, nas seguintes espécies: sardinha, 12.460 quilos; atum, 28.085 quilos; carapau, 1.200 quilos e outras espécies, 30 quilos.

O principal centro exportador foi Setúbal, com 30.915 quilos.

Exportaram-se em Maio mais 22.112 quilos do que em Abril e menos 921.619 quilos do que em Maio do ano findo.

Congelados

A exportação de Congelados em Maio foi de 8.880 quilos, com o valor de 130.069\$00, nas seguintes espécies: sardinha, 3.530 quilos; enguias, 10 quilos; cavala, 10 quilos; carapau, 390 quilos; polvo, 4.720 quilos e lulas e chocos, 220 quilos.

Esta exportação foi superior à de Abril em 1.280 quilos e inferior à de Maio de 1948 em 1.330 quilos. Os E. U. A. foram o maior comprador com 4.530 quilos.

Por Países

Azeites ou Mólhos

Os três principais países importadores neste mês, foram: Itália, 177.960 quilos (17,5 %); E. U. A. 171.931 quilos (16,9 %) e Bélgica, 140.367 quilos (13,8 %).

Em relação às espécies, a Itália foi o maior comprador de sardinha (167.743 quilos) e cavala (5.258 quilos); o Congo Belga, de carapau (2.071 quilos); a Inglaterra, de atum (24.472 quilos); os E. U. A. de filetes de anchova (146.132 quilos); o México, de lulas e chocos (756 quilos) e a Venezuela, de outras espécies (2.897 quilos de antepasto).

Os maiores importadores em Abril, foram: os E. U. A. (241.832 quilos), a Bélgica (77.940 quilos) e a Itália (68.105 quilos), e em Maio de 1948: a Inglaterra (882.720 quilos), a Bélgica (432.808 quilos e a Itália (270.102 quilos).

Salmoura

O principal país importador desta conserva em Maio, foi a Itália, com 30.520 quilos. Em Abril deste ano e em Maio do ano passado, este lugar é ocupado pela Grécia que importou, respectivamente, 15.000 e 806.869 quilos.

Produção, por centros, de conservas de azeite ou mólhos, em caixas, em Maio de 1949
 May Canned Fish Pack (in cases)

	Sardinha <i>Sardine</i>	Carapau <i>Chincharid</i>	Cavala <i>Mackerel</i>	Atum e similares <i>Tuna</i>	Auchovas <i>Anchovies</i>	Outras Espécies <i>Other species</i>	Totais <i>Total</i>
Matosinhos	-	-	-	15	2 502	28	2.543
Peniche	-	-	-	-	20	-	20
Lisboa	659	-	-	1.190	491	54	2.394
Setúbal	546	-	-	259	4.661	188	5.634
Lagos	20	-	-	-	13	-	33
Portimão	10.503	-	991	-	669	-	12.163
Olhão	8.879	-	1.539	3 619	7.982	2	22.021
V. R. S. António	479	-	365	10.175	3.038	55	14.112
	21.086	-	2.895	15.236	19 376	327	58.920

Exportação, por centros, de conservas de azeite ou mólhos, em quilos, no mês de Maio de 1949
 May Canned Fish Export (by Centers)

	Sardinha <i>Sardine</i>	Carapau <i>Chincharid</i>	Cavala <i>Mackerel</i>	Atum e similares <i>Tuna</i>	Auchovas <i>Anchovies</i>	Lulas e Chocos <i>Cuttle Fish and Squid</i>	Outras espécies <i>Other species</i>	TOTAIS <i>Total</i>	
								Caixas <i>Cases</i>	Quilos <i>Kilos</i>
Matosinhos	566.882	28	38	10.602	4.663	126	298	20.347	382.637
Lisboa	78.621	76	608	11.719	6.519	487	(a) 2.695	5.709	100.365
Setúbal	118.808	2.071	184	27.734	43.804	294	-	15.403	192.895
Lagos	16.530	-	-	-	-	-	-	870	16.530
Portimão	122.909	-	6.658	107	14.784	-	-	8.057	144.458
Olhão	64.033	494	1.995	5.767	46.620	719	887	9.700	118.515
V. R. S. António	8 503	-	-	2.190	49 918	-	-	5.641	60.611
	776.286	2.669	9.483	56.119	165.948	1 626	3 880	65.707	1.016.011

(a) — Antepasto.

Marcas Registradas:
 PALACIO DE ORIENTE, ||| ALBATROS,
 ANTONIO ALONSO, HIJOS, ||| LA CORRIDA,
 LION D'ARGENT



CONSERVAS ANTONIO ALONSO, LIMITADA
 SETÚBAL (PORTUGAL)

SETÚBAL } TELEFONE 157
 TELEGRAMAS SANTONIO
 APARTADO 62
 FABRICA em SETÚBAL --- FABRICAS em ESPANHA

Production and Exportation

Situation during the month of May

PRODUCTION

Oil or Sauce

The production of fish preserves during the month of May was of 58.920 cases so distributed: 21.086 cases of Sardines; 2.895 of Mackerel; 15.236 cases of Tunny; 19.376 cases of Anchovies and 327 cases of other kinds.

Olhão was the leading packing center with 22.021 cases (37,3 %); in second place is Vila Real de Santo António with 14.112 cases (24 %) and in third place is Portimão with 12.163 cases (20,6 %). As regards kinds Portimão was the center that packed more Sardines (10.503 cases); Olhão more Mackerel (1.539 cases) and Anchovies (7.982 cases); Vila Real de Santo António more Tunny (10.175 cases) and Setúbal more other kinds (188 cases).

The production of preserves in May was higher as compared with April by 41.037 cases and also higher as compared with May of last year by 5.324 cases.

Brine

The production of preserves in Brine during May was of 580.664 kilos for the following kinds: Sardines, 13.170 kilos; Biqueirão, 561.799 kilos and Tunny 5.965 kilos.

The packing centers of these preserves were: Lisbon, 5.695 kilos of Tunny; Setúbal, 263 kilos of Biqueirão; Lagos, 4.000 kilos of Sardines and 18.500 kilos of Biqueirão; Portimão, 5.450 kilos of Sardines and 91.566 kilos of Biqueirão and Olhão, 3.720 kilos of Sardines and 451.470 kilos of Biqueirão.

The production of these preserves in May was higher as compared with April by 533.694 kilos and also

higher as compared with May of last year by 525.959 kilos.

EXPORT

By Centers

Oil or Sauce

The export of preserves in oil or sauce during this month was of 1.016.011 kilos (65.707 cases) amounting to 20.250.150\$80, so distributed as regards the following kinds: Sardines, 776.286 kilos (40.477 cases); Chinchards, 2.669 kilos (141 cases); Mackerel, 9.483 kilos (370 cases); Tunny and the like, 56.119 kilos (3.137 cases); Anchovies, 165.948 kilos (21.301 cases); Calamaries and Cuttlefish, 1.626 kilos (82 cases); other kinds, 3.880 kilos (199 cases) of which 2.897 kilos of Antipasto.

During this month the value of the export of the different kinds of fish preserves was of: Sardines, 13.278.372\$02; Chinchards, 38.208\$84; Mackerel, 229.583\$43; Tunny and the like, 1.543.272\$50; Filets of Anchovies, 5.065.728\$65; Calamaries and Cuttlefish, 32.905\$36; other kinds, 62.080\$00. Matosinhos was the leading exporting center with 382.637 kilos (20.347 cases) or 37,6 %; it is followed by Setúbal with 192.895 kilos (15.403 cases) or 19 % and in third place is Portimão with 144.458 kilos (8.037 cases) or 14,2 %.

In May 14.849 cases more were exported than in the month of April and 63.255 cases less than in May of 1948.

Brine

The export of this kind of preserves during this month was of 41.775 kilos amounting to 461.971\$ for the following kinds: Sardines, 12.460 kilos; Tunny, 28.085 kilos; Chinchards, 1.200 kilos; other kinds, 30 kilos.

The leading exporting center was Setúbal with 30.915 kilos.

In May 22.112 kilos more were exported as compared with April and 921.619 kilos less were exported than in May of last year.

Frozen

The export of Frozen in May was of 8.880 kilos amounting to 130.069\$00 for the following kinds: Sardines, 3.530 kilos; Eels, 10 kilos; Mackerel, 10 kilos; Chinchards, 390 kilos; Poulp, 4.720 kilos and Calamaries and Cuttlefish, 220 kilos.

This export was higher as compared with April by 1.280 kilos and lower as compared with May, 1948 by 1.330 kilos.

U. S. A. was the largest buying country with 4.530 kilos.

By Countries

Oil or Sauce

The three leading importing countries during this month were: Italy, 117.960 kilos (17,5 %); U. S. A. 171.931 kilos (16,9 %) and Belgium, 140.367 kilos (13,8 %).

As regards kinds, Italy was the largest buyer of Sardines (167.743 kilos) and of Mackerel (5.258 kilos); the Belgian Congo of Chinchards, (2.071 kilos); England of Tunny (24.472 kilos); U. S. A. of Filets of Anchovies, (146.132 kilos); Mexico of Calamaries and Cuttlefish (756 kilos) and Venezuela of other kinds, (2.897 kilos of Antipasto).

The largest importing countries in April were: U. S. A. (241.832 kilos), Belgium, (77.940 kilos) and Italy (68.105 kilos) and in May, 1948 were: England (882.720 kilos), Belgium (432.808 kilos) and Italy (270.102 kilos).

Brine

The chief importing country of this preserve in May was Italy with 30.520 kilos. In April of this year and in May, 1948 this place is occupied by Greece that imported respectively 15.000 and 806.869 kilos.

Exportação de conservas de peixe em azeite ou molhos, em quilos, por países de consumo,
em Maio de 1949

May Canned Fish Export (by Countries)

	Sardinha <i>Sardine</i>	Carapau <i>Chinchard</i>	Cavala <i>Mackerel</i>	Atum e Similares <i>Tuna</i>	Anchovas <i>Anchovies</i>	Lulas e Chocos <i>Cuttle Fish and Squids</i>	Outras espécies <i>Other species</i>	Totais <i>Total</i>
África Ocíd. Brit. ...	77.718	-	184	107	171	-	-	78.180
África Orient. Brit....	11.776	-	-	-	-	-	-	11.776
África Orint. Italiana	-	-	-	1.900	-	-	-	1.900
Alemanha	3.021	-	-	-	-	-	-	3.021
Angola	7.236	-	209	525	52	42	126	8.190
Austrália	475	-	-	-	-	-	-	475
Bélgica	127.712	-	3.300	2.565	6.790	-	-	140.367
Canadá	4.105	-	-	-	5.325	-	-	9.428
Chile	1.705	19	-	832	359	570	304	3.789
Colombia	1.691	-	-	-	-	-	-	1.691
Colon. Brit. Am.	190	-	-	-	-	-	-	190
Central e Sul	-	-	-	-	-	-	-	-
Congo Belga	-	2.071	-	-	-	-	-	2.071
Cuba	35.252	-	-	-	517	-	-	35.769
Curacao	370	-	-	-	408	-	-	778
Dinamarca	1.425	-	-	-	-	-	-	1.425
Egipto	5.415	-	-	1.202	722	-	-	7.339
Etiópia	1.900	-	-	-	-	-	-	1.900
E. U. da América ...	17.344	-	-	8.455	146.132	-	-	171.931
Filipinas	-	-	-	-	475	-	-	475
França	42.826	-	-	-	-	-	-	42.826
Guiné	1.623	-	190	342	-	19	42	2.216
Holanda	3.258	-	-	-	-	-	-	3.258
Índia Portuguesa ...	266	-	-	-	-	-	-	266
Inglaterra	30.672	-	-	24.472	-	-	-	55.144
Itália	167.743	-	5.258	2.109	2.850	-	-	177.960
Libéria	418	-	-	-	-	-	-	418
Macau	58	-	-	472	-	-	180	690
México	20.815	-	-	462	-	756	-	22.033
Moçambique	7.587	484	57	1.036	114	90	351	9.699
Nova Zelândia	7.106	-	-	-	-	-	-	7.106
Repúb. Dominicana	-	-	-	333	102	-	-	435
Síria	3.781	-	-	-	-	-	-	3.781
S. Tomé e Príncipe	247	-	-	151	-	-	-	398
Suécia	134.988	-	-	-	95	-	-	135.083
Suíça	50.190	-	-	925	346	-	-	51.461
Terra Nova	475	-	-	-	-	-	-	475
Venezuela	5.841	95	95	6.982	1.474	149	(a) 2.897	19.913
Forn. à Naveg.	1.077	-	190	869	18	-	-	2.154
Quilos	776.286	2.669	9.483	56.119	165.948	1.626	3.880	1.016.011
<i>Kilos</i>								
Caixas	40.477	141	370	3.137	21.301	82	199	65.707
<i>Cases</i>								
Valores	13.278.372\$02	38.208\$84	229.583\$45	1.543.272\$50	5.065.728\$65	32.905\$36	62.080\$00	20.250.150\$80
<i>Values</i>								

(a) Antepasto.

PREÇOS MÉDIOS, FOB, EM MAIO (AVERAGE FOB PRICES IN MAY); *Conservas em molhos*: (base 1/4 clube, 30 mm); sardinha em azeite, 325\$00; sardinha em óleo, 320\$00; cavala em azeite, 460\$00; (base 1/10) filetes de anchovas, 290\$00; (base quilo) atum em azeite, 27\$50; *Salmouras*: (base quilo) sardinha, 7\$10; *Congelados*: (base quilo) sardinha 14\$00 polvo, 15\$00; lulas e chocos, 16\$45.

A propósito da normalização das latas para conservas

por HENRI CHEFTEL

Director dos Laboratórios dos Estabelecimentos J. J. Carnaud e Forges de Basse-Indre

(Continuação do número anterior)

2.º Escolha das dimensões

Suponhamos agora que, segundo um ou outro método, tenhamos escolhido uma série de capacidades e que, para fixar ideias, conservemos a já acima mencionada, a saber:

55, 110, 220, 440, 660, 880, 3.300 ml. Sob o ponto de vista da «interpermutabilidade», o mais conveniente seria que as latas correspondendo a estas capacidades tivessem todas o mesmo diâmetro, mas um tal princípio, por mais sedutor que possa parecer, depara com impossibilidades técnicas. Com efeito, se escolhessemos, por exemplo, o diâmetro de 100 mm, teríamos alturas que iriam de cerca de 10 mm a cerca de 400 mm, obtendo-se formatos absolutamente irracionais para não dizer absurdos. Este exemplo, sem dúvida exagerado, mostra que é imprudente ligarmo-nos a princípios demasiadamente rígidos e que devemos evitar de considerar uma lata isoladamente, porque o que convem a um caso pode não convir a outro. É portanto evidente que devemos prever, para a série de latas, vários diâmetros. Escusado será dizer que serão os diâmetros e não as alturas que teremos que fixar para cada capacidade que escolhermos. Com efeito, entre certos limites, a modificação da al-

Como é que devemos escolher os diâmetros? Podemos nós, para este objectivo, estabelecer um princípio susceptível de nos guiar? Se isto fosse possível, a nossa tarefa estaria grandemente facilitada.

Basta, porém, um exame rápido dos diversos pontos de vista que podem ser invocados para se revelarem as inevitáveis contradições e provar que a única solução é um compromisso apoiado sobre a experiência prática. Eis por que é essencial não se perder de vista o postulado fundamental que enunciámos logo no começo (simplificação no emprego) e não nos deixarmos influenciar demasiadamente pelas circunstâncias passageiras ou pelos interesses demasiado mesquinhos. Já foi proposto, por exemplo, escolherem-se os formatos de latas em função das dimensões das folhas de Flandres. Mas atender a uma tal proposta seria tomar o problema ao inverso. As fábricas produtoras de folha estão perfeitamente em condições de, em tempo normal, entregar as folhas «por medida», e é normalizando os formatos de latas que se normaliza automaticamente os formatos das folhas. Pode-se, de resto, prever que, dentro de poucos anos, toda a chapa de ferro para folha de Flandres, mesmo na Europa, será laminada em

de folha. Um cálculo geométrico simples permite, realmente, verificar que a superfície de folha necessária para a confecção de uma lata «redonda» com os dois fundos cravados, é mínima, logo que a relação altura-diâmetro é da ordem de 1,5 a 20 (este algarismo depende também do tipo de montagem, da largura da costura, da altura das cravações, das dimensões de corte, etc.). Para satisfazer a este princípio, a série de capacidade que escolhermos a título de exemplo, conduziria a uma série de latas com as seguintes dimensões, p. m. m.:

Ou, se quisermos um outro exemplo, uma lata de 100 mm de diâmetro deveria medir 157 mm de altura e ter uma capacidade de 1.160 ml.

Verifica-se que a aplicação desta regra conduziria unicamente a latas de forma alta, o que seria inaceitável para a indústria das conservas. É portanto uma regra que seria impossível generalizar. A isto é necessário acrescentar que as latas de forma alta suportam mal as variações da pressão interior, de forma que uma parte da economia da folha obtida por um lado seria muitas vezes absorvida pela necessidade de empregar uma folha mais espessa e pelas precauções especiais que seria necessário tomar para utilizar latas particularmente sensíveis à pressão interior (lembramos que um aumento de espessura de 0,015 mm traz um aumento de peso de cerca de 5%). Embora seja possível, portanto, ter em conta esta regra para certos casos particulares e num estudo de conjunto, não se poderia porém erigi-la em princípio imutável. Além disso, é bom que se diga que não há uma medida comum para comprar o consumo de folha com a facilidade na fabricação ou a segurança no emprego das latas. Até que ponto é conveniente reduzir a largura da costura ou a borda das cravações? E se as economias possíveis de folha não são para desprezar, o que diremos das economias de soldadura e de junta? Só a experiência prática pode aqui indicar-nos onde finda a segurança e onde começa o risco.

55	110	220	440	660	880	3.300 ml.
33 × 70	42 × 82	55 × 99	71 × 120	82 × 134	91 × 146	144 × 214 mm.

tura de uma lata não apresenta dificuldades sérias, quer se trate da fabricação ou do fecho, ao passo que qualquer alteração do diâmetro acarreta complicações que não são pequenas.

tiras, o que torna muito fácil o corte das folhas segundo a medida pedida pelos interessados.

Uma outra ideia, à primeira vista sedutora, seria determinar os formatos de forma a consumir o mínimo

A observação que acabamos de fazer a propósito da impossibilidade para a indústria das conservas de se limitar a latas de forma alta, sugere a conveniência de escolher os diâmetros de maneira que cada um deles possa servir a uma lata de forma alta, a uma lata de forma média e a uma lata de forma baixa. Trata-se, aliás, de uma sugestão que a prática já tem mais ou menos consagrado. De resto, para prejudicar o menos possível a situação existente, é lógico que se conservem os diâmetros que se empregam correntemente. É necessário, além disso, distinguir, pelo que diz respeito aos diâmetros, entre as modificações mínimas que podem exigir ao máximo a substituição da ferramenta (operação que é já muito onerosa) e as modificações mais importantes que têm repercussão sobre todos os dispositivos de manutenção e de utilização das latas, entre eles os transportadores, os pré-aquecedores, as cravadeiras, os autoclaves ou cozedores automáticos, caixas. Tais modificações cau-

se os empregarmos para estabelecer sobre cada um deles, respectivamente, uma lata alta, uma lata média e uma lata baixa de cada uma das capacidades conservadas, teremos as três séries de latas mencionadas no mapa abaixo indicado.

Nunna colecção deste género — trata-se só de um exemplo — há o suficiente para satisfazer todas as necessidades razoáveis da indústria das conservas e todas as fantasias dos consumidores. Não parece necessário que haja uma lata de capacidade intermediária entre 880 e 3.300 ml. ou latas de capacidade superior a 3.300 ml. Em compensação, temos a convicção de que um formato intermediário entre 440 e 880 ml responde a uma necessidade.

Determinados assim os formatos das latas não se pode ainda considerar finda a tarefa. Trata-se em seguida de os substituir aos formatos existentes, de os tornar obrigatórios com o mesmo título que os pesos e medidas legais e de fazer também compreender áqueles que queriam

porque nos encontramos neste caso em presença de posições estabelecidas e é, por vezes, impossível conciliar todos os pontos de vista. Principalmente, o artifício que consiste em conservar os diâmetros existentes, não pode já servir porque estes diâmetros não são os mesmos nos diversos países. É portanto, a esta tarefa difícil que se têm dedicado o «Comité International Permanent de la Conserve» e a «International Standards Organization». O primeiro passo foi dado com a adopção das medidas de capacidade segundo o sistema métrico, o que já é muito para o objectivo a atingir. Ao mesmo tempo foi reunida uma importante documentação.

A segunda etapa consistirá em que todos os interessados se ponham de acordo sobre as capacidades «normais» a reter e em seguida que se tome a decisão de não conservar senão diâmetros pouco diferentes. Mesmo que estas decisões não tenham de começar senão um carácter

Capacidade:	55	110	220	440	660	880	3.300 ml.
lata baixa	71,5 × 22	71,5 × 35,5	86 × 45	100 × 64	125 × 61	125 × 79	—
» média	55 × 31	55 × 54	71,5 × 63	86 × 83	100 × 92	100 × 119	—
» alta	—	—	55 × 100	71,5 × 117	86 × 120	(86 × 158)	153 × 195

sam transtorno num grande número de instalações nas fábricas de latas vazia e de conservas e teriam, portanto, que ser encaradas com muita prudência. Mesmo, porém, em casos semelhantes, um estudo objectivo do problema nas suas consequências longínquas, pode aconselhar certos sacrifícios. Por exemplo: já se estudou alguma vez, a fundo, em França, a unificação dos diâmetros 715 e 730 mm., este último reservado às latas para leite concentrado?

Continuemos, porém, o exame do nosso problema. Em França, os principais diâmetros utilizados e consagrados pela «Association Française de Normalisation», são os seguintes:

55, 71,5, 86, 100, 125, 153 mm.

sempre latas «por medida» para certos produtos (os diversos purés de tomate são um exemplo clássico) que o interesse particular se junta, no fim de contas, ao interesse geral.

A normalização dos formatos de latas, por outro lado, acarreta a normalização de numerosas máquinas assim como a das caixas de madeira ou de cartão. De tal modo que, no total, as simplificações realizadas compensam largamente as várias dificuldades de adaptação que a normalização ofereceu no início.

★

Ir mais longe no caminho da normalização, isto é, alargá-la ao campo internacional, é mais complicado,

«platónico», elas servirão, contudo, para aorientar os espíritos.

Somente mais tarde é que se poderia estudar, pouco a pouco e para um formato de cada vez, uma verdadeira unificação. Será, talvez, permitido esperar que os diversos países saberão fazer a propósito das latas de conservas, que ajudam à alimentação das populações, o que eles fizeram para as armas.

As reflexões que aqui apresentamos não têm, de forma alguma, a pretensão de trazer conclusões precisas, mas simplesmente contribuiu para se encontrar uma solução que só poderá aproveitar à indústria das conservas em geral.

(De «L'Officiel de la Conserve»)



Mercados



Suíça

(Do nosso correspondente)

O total das importações de conservas de peixe na Suíça, no ano de 1948, como se verifica pelos números que a seguir reproduzimos, atingiu 3.383.918 quilos no valor de Frs. Suíços 13.166.819:

Peixes conservados em recipientes de mais de 3 quilos

	Peso líquido quilos	Valor em francos Suíços
Bélgica	2.461	6.647
Canadá	12.706	36.780
Dinamarca	97.704	238.057
Espanha	20.259	155.144
França	83.104	247.508
Holanda	245.729	396.306
Inglaterra	1.395	4.492
Marrocos Esp.	13.341	70.060
Noruega	36.650	74.273
Portugal	85.589	412.406
Suécia	496	8.108
	<u>600.434</u>	<u>1.649.781</u>

Peixes conservados em recipientes de menos de 3 quilos

(Salmão, pilchard, arenque e sardinha em tomate)

	Peso líquido quilos	Valor em francos Suíços
Bélgica	18.170	52.300
Canadá	123.895	386.225
E. U. da América do Norte	214.122	667.743
França	8.490	35.820
Holanda	33.910	156.848
Inglaterra	2.069	3.905
Marrocos Fr.	2.403	8.316
Noruega	32.964	68.604
Perú	5.732	12.805
Portugal	30.234	108.979
Suécia	1.830	5.275
	<u>473.819</u>	<u>1.506.820</u>

Outras conservas de peixe em recipientes de menos de 3 quilos

(Sardinha, atum em azeite, etc.)

	Peso líquido quilos	Valor em francos Suíços
Bélgica	20.301	53.482
Canadá	1.127	3.600
Espanha	331.936	2.080.904
E. U. da América do Norte	8.722	14.954
França	535.741	2.197.898
Itália	26.059	151.332
Marrocos Esp.	88.183	399.185
Noruega	17.853	68.016
Perú	81.531	333.817
Portugal	1.198.212	4.707.030
	<u>2.309.665</u>	<u>10.010.218</u>

Em relação ao ano de 1947 as importações de 1948 marcam um recuo quantitativo de cerca de 20% e uma diminuição de valor de aproximadamente 30%.

O preço médio por quilo, englobando todas as conservas, foi de Frs. s. 4,50 em 1947 contra Frs. s. 3,92 em 1948.

Na importação de peixes conservados em recipientes de mais de 3 quilos, figura em primeiro lugar a Holanda com um fornecimento de 245.729 quilos de arenques fumados. As importações provenientes da Dinamarca (97.704 quilos) são também de arenque fumado.

As importações que se seguem em maior volume nesta categoria de recipientes, são as de Portugal (86.589 quilos) e as de França (83.104 quilos), em conservas de atum. A importação de Espanha (20.259 quilos) é também de atum.

Nas conservas enlatadas em recipientes de menos de 3 quilos, que compreendem o salmão, o pilchard, o arenque e a sardinha em tomate, os E. U. A. foram os maiores fornecedores com 214.122 quilos de pilchard e salmão, seguidos do Canadá

com 123.895 quilos, na sua quase totalidade de salmão.

Portugal forneceu 30.234 quilos de sardinha em tomate.

Nos mesmos recipientes, mas em conservas de sardinha, atum em azeite, etc. Portugal é o principal fornecedor com 1.198.212 quilos, incluindo sardinha, atum e filetes de anchova. Segue-se-lhe a França com 535.741 quilos de atum e sardinha, constituindo a primeira espécie a quase totalidade da sua exportação.

As importações de Espanha no total de 331.936 quilos compreendem sobretudo atum e também sardinhas e anchovas. As exportações da Itália (26.059 quilos) foram preenchidas com antepasto e as do Marrocos espanhol e do Perú unicamente com atum.

No total das importações das conservas de peixe pela Suíça, em 1948, Portugal ocupa o primeiro lugar entre quinze países, cabendo-lhe 1.315.035 quilos no valor de Frs. s. 5.228.415, na sua quase totalidade em conservas de sardinha.

Analisando os factores que facilitaram a exportação para a Suíça das conservas dos países principais concorrentes de Portugal, verificamos que, quanto ao atum branco francês (germon), que é a albacora portuguesa, foram vendidas quantidades apreciáveis em virtude dos preços muito baixos a que os industriais alienaram a sua produção de 1947, favorecidos pela queda do franco (50%), o que afectou em certa medida o consumo da sardinha portuguesa.

Só a partir de Setembro, com a alta do preço do atum francês, a posição daquelas sardinhas melhorou.

Quanto às conservas espanholas: o governo suíço esforçou-se pelos meios mais engenhosos em desenvolver as trocas com a Espanha, seu antigo devedor.

Em virtude do câmbio de «clearing» hispano-suíço (cerca de frs. s. 40 por 100 pesetas) não ter sido modificado desde a sua criação, que

remonta à guerra civil de 1936, os preços dos produtos espanhóis nesta base de câmbio resultaram muito elevados.

Para evitar esta anomalia e tornar possível as importações, a Suíça criou um sistema de «prémios de importação» muito complicado que comportava diversas variantes em função da natureza das mercadorias.

Para uma certa categoria de produtos espanhóis relativamente pouco expostos à concorrência de outros países (era o caso do atum), os prémios concedidos à importação eram fixos: por ex. 30 % para o atum. Para outros produtos que sofriam uma concorrência muito forte (era o caso da sardinha), foi posto em prática um sistema de prémios duplos e triplos cujo total, variável de caso para caso, podia atingir até 70/80 %!

O resultado prático desta engenhosa e artificial combinação foi as conservas de sardinha espanholas serem oferecidas na Suíça a cerca de 30 % abaixo dos cursos normais. As consequências de tais práticas para os importadores suíços que dispunham de grandes «stoks» de sardinhas portuguesas, foram desastrosas.

Felizmente que o Governo espanhol em Setembro suspendeu as licenças de exportação para acudir às necessidades do mercado interno, em virtude da escassez de sardinha.

Os esforços desenvolvidos pelos fabricantes franceses de Marrocos para introduzirem as suas conservas de sardinha no mercado suíço não tiveram êxito, em virtude, sobretudo, de só quererem vender em dólares, moeda em que os importadores suíços não estavam autorizados a efectuar as suas transacções.

Dott. Carmelo-Arpa

Largo della Zecca, 8
GÉNOVA

Aceita representações

UM DEPOIMENTO

O industrial sr. José de Oliveira Marques, gerente da importante firma Marques Neves & C.ª, Lda., enviou-nos uma carta em que, baseado no contacto pessoal, nos próprios mercados compradores, com as causas que criaram o mal estar que actualmente mina a nossa indústria, formula um libelo acusatório contra a desorientação nos preços que lava no nosso comércio exportador que justifica todas as reacções e intervenções salutaras para a dominar.

Eis a carta:

Sr. Director:

Acabo de regressar da minha viagem habitual pela Europa e considerando de principal importância para o esclarecimento das graves dificuldades que a indústria das conservas portuguesa atravessa dar a conhecer as observações que me foram feitas nos mercados que visitei e as conclusões a que cheguei, aqui as transmito para que V. Ex.ª, se assim o achar conveniente, as publique.

São uniformes as queixas em todos os países: todos os compradores alegam que não podem ter confiança no mercado português de conservas, devido ao sistema de ofertas desordenadas, sempre mais baixas, sem que eles verifiquem haver qualquer facto justificativo para essa descida dos preços em cascata.

Se um importador comprou hoje a 14 dolares, partindo do principio de que se tratava de um preço normal que lhe não poderia acarretar surpresas, e sabe que um concorrente comprou no dia imediato a 13 e outro no seguinte a 12.20, acaba por sofrer grandes prejuízos, pois, para poder colocar a mercadoria comprada, teve de alinhar os seus preços pelos mais baixos.

Este fenómeno verifica-se permanentemente e com mais intensidade nos mercados de maior interesse para as conservas portuguesas.

O primeiro mau resultado é de dar uma impressão de desorganização da nossa indústria, pois parece absurdo

que uma indústria trabalhando racionalmente possa apresentar diferenças tão grandes nas cotações para o mesmo género de mercadorias.

Ao mesmo tempo produz-se o retraimento nas compras, pois o importador prefere esperar até ver onde a baixa chega e só então comprar, o que por sua vez provoca nova baixa, porque os fabricantes ou exportadores que têm, por qualquer motivo, pressa em vender, tentam forçar o mercado, oferecendo preços mais baixos ainda.

Toda esta série de circunstâncias leva os importadores a preferirem as conservas marroquinas e norueguesas, não por uma questão de qualidade, mas sim de confiança na estabilidade dos preços que os não sujeitam a surpresas desagradáveis. Todos os importadores visitados fizeram as mesmas perguntas: Como se explica esta oferta desordenada aos preços mais disparatados, quando a pesca em Portugal continua a ser escassa e não há nada que faça prever uma safra abundante? Qual a razão por que a indústria portuguesa, que sabemos organizada e controlada, dá esta impressão de desordem e desorientação? Por que razão o Instituto não estabiliza os preços?

Os inconvenientes que uma tal situação acarreta são graves e justificam medidas imediatas para a estabilização dos preços, de modo a poder-se ainda evitar a ruína da nossa indústria lançada numa concorrência desenfreada e injustificada.

É com o intuito de trazer mais uns elementos para o esclarecimento deste grave problema que transmito a opinião dos meus clientes nos mercados europeus e também na esperança de que as nossas entidades superiores que sentem, como a própria indústria, os males da situação presente, farão o possível para lhes dar remédio.

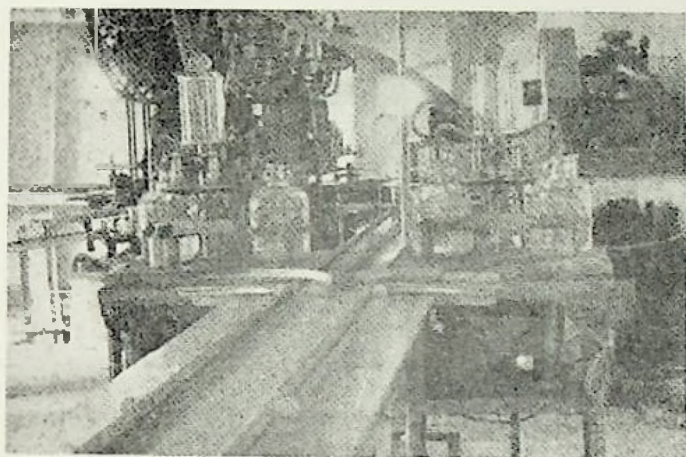
Creia-me, sr. Director,

Atenciosamente

José de Oliveira Marques

Fábrica flutuante de conserva de carne de baleia

A firma inglesa United Whalers Lda., instalou num dos seus navios tanques, o «Thule», de 10.000 ton., uma fábrica para conservar a carne de baleia logo após a morte deste cetáceo. Embora a carne de baleia fosse já



há muito tempo popular como alimentação noutros países, como, por exemplo, a Noruega, os ingleses só a introduziram nos últimos anos como suplemento de dieta de proteínas. A princípio importada só congelada, verificaram depois, em seguida a várias experiências, que a carne de baleia dava também uma conserva bastante agradável.

A fábrica está montada em três «decks»; no superior faz-se o tratamento da carne fresca e o seu enlatamento, no do meio, o fecho das latas à máquina e no inferior o cozimento e embalagem. A baleia depois de morta é içada para o navio mãe onde é esquartejada e expurgada do óleo. São então escolhidos os pedaços de carne próprios para a conserva e transportados para o navio fábrica que estaciona perto. Desta forma a carne, absolutamente fresca, será fabricada poucas horas após a morte da baleia.

À chegada ao navio fábrica a carne fresca é levada para uma plataforma no castelo da proa e aí cortada à mão, com facas, em bocados de um tamanho conveniente para poderem servir nos cortadores mecânicos. Há três

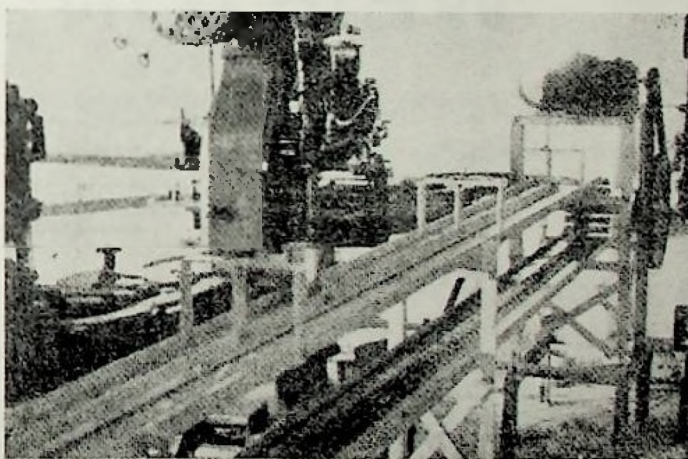
baterias de cortadores que consistem numa série de lâminas circulares montadas num suporte horizontal. A primeira corta a carne em pranchas, a segunda em tiras e a terceira em cubos de um tamanho apropriado para um guizado.

A carne, contida em recipientes de aço inoxidável, é metida à mão nas latas e estas depois levadas num transportador para as máquinas de encher pelo vácuo que as cobrem de suco de carne ou molho, conforme o fabrico.

As latas cheias são então cravadas à máquina e passam depois num transportador em zigzague para a secção de cozimento no «deck» inferior onde são esterilizadas numa bateria de seis autoclaves horizontais de pressão.

Depois de arrefecidas nos autoclaves, as latas passam por uma máquina de lavar e seguem para um transportador de secagem que as leva para a secção de embalagem onde são metidas em caixas de cartão e depois transferidas para o armazem.

As latas são do formato cilíndrico envernizadas por dentro. Uma instalação de ar condicionado nos porões evita qualquer deterioração das latas durante a viagem.



Utilizando a carne de baleia fresca consegue-se uma conserva de paladar muito agradável, sem qualquer sabor de peixe, e com um aspecto que se assemelha muito ao da carne de vaca.



Sempre que estejam compradores de

FOLHA DE FLANDRES

preferam a qualidade

WEIRITE

fabricada pela

WEIRTON STEEL CO.

WEIRTON, W. VA. U. S. A.

REPRESENTANTES EM PORTUGAL

AFFONSO BARBOSA & C.^A, L.^{DA}

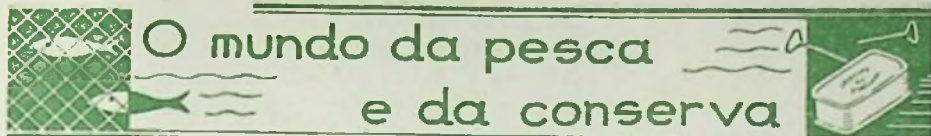
MATOSINHOS (PORTUGAL)

TELEF.

75 E 775 M

TELEG.

FONBAR



A Indústria de Conserva Marroquina

O número de fábricas de conservas de peixe (sardinha, atum, cavala) registadas em 1 de Junho de 1949 era de 145, mas espera-se que mais 3 novas iniciem a sua laboração ainda este ano.

A distribuição destas fábricas pelos vários portos de pesca, era a seguinte: Casablanca, Fedala, Rabat e Port-Lyautey, 42; Mazagan, Safi e Mogador, 65; Agadir, 38. As condições hidrológicas favoráveis, a abundância de plancton alimentar que é uma sua consequência, explicam a densidade de peixes, raramente atingida noutras paragens, que se encontra na costa marroquina. Na primavera e no verão pesca-se a cavala, o bonito e o atum; encontra-se igualmente o biqueirão em diversas épocas do ano, mas a espécie mais importante é representada pela sardinha. Esta encontra nas águas temperadas de Marrocos condições excelentes para proliferar e desenvolver-se. Esta abundância explica a importância da pesca em Marrocos e o extraordinário desenvolvimento atingido pela indústria da conserva de peixe que hoje já se situa em segundo lugar na economia marroquina com os seus 5 biliões de francos de exportação em 1948, a seguir aos fosfatos que ultrapassaram 6 biliões.

Defesa da designação «sardinha»

O Canadá tem diligenciado introduzir na Bélgica as suas conservas de peixe de arenque com a designação de «Canadian Sardines» (sardinhas canadianas).

Os Serviços de Fiscalização dos Produtos Alimentares Belgas opõem-se, porém, a esse intento, de harmonia com a legislação da Bélgica que só admite a denominação de

sardinha para o peixe designado cientificamente por «Clupea Pilchardus».

Embora os canadianos tenham alegado que no seu país e noutros da América os pequenos arenques e os pilchards eram classificados de «sardinha», as autoridades belgas insistiram na proibição da venda no seu mercado destas conservas com tal designação.

A indústria pesqueira espanhola em 1948

Segundo as estatísticas da Direcção Geral da Pesca a indústria pesqueira espanhola obteve em 1948 uma produção de 475.664 toneladas, o que representa uma redução de 91.565 ton. em relação ao ano anterior. O valor total da pesca foi de 1.777 milhões de pesetas, menos 261 milhões do que em 1947.

Em relação às espécies, os peixes figuram com 438.190 ton. no valor de 1.555 milhões de pesetas; os crustáceos com 15.625 ton. no valor de 130,9 milhões de pesetas e os moluscos 21.848 ton. no valor de 90,5 milhões de pesetas.

A pesca da sardinha atingiu 39.458 ton.

As exportações de peixe na Noruega

O consumo de peixe na Noruega monta a 150.000 ton. por ano. As capturas, que se cifravam em menos de 1 milhão de ton. por ano antes da guerra, atingirão provavelmente 1,3 milhão de ton. no decorrer da safra de 1952-1953.

Sob o ponto de vista da exportação, as pescarias ocupam na Noruega o segundo lugar, imediatamente a seguir à indústria da madeira. As exportações de peixe e dos seus sub-produtos atingirão no ano presente um valor de cerca de 500 milhões de coroas, o que repre-

senta quase 23 % das exportações totais.

Nas exportações norueguesas para os Estados Unidos, as das conservas de peixe ocupam um lugar preponderante. A extensão que se pretende dar à indústria da pesca compreende em primeiro lugar uma intensificação da captura do arenque.

Conservas de sardinha na Albania

O governo albanês está planeando o estabelecimento no país da indústria de conservas de peixe.

Após um longo período de investigações, conseguiu-se pela primeira vez pescar sardinhas nas águas da Albânia.

A empresa de Pesca do Estado formou novos grupos de técnicos que se vão dedicar à pesca da sardinha em Saranda e Sheng-Jwin.

Conservas americanas para a Bélgica e Irlanda

Ao abrigo do programa da E. C. A. foi aprovada a compra nos Estados Unidos de conservas de peixe (excepto salmão ou atum) para a Irlanda e Bélgica no valor, respectivamente, de 500.000 e 300.000 dólares.

A transacção será feita através dos canais normais de comércio.

Óleo de tomate

As fábricas húngaras de conserva de tomate estão aplicando um processo de extracção de óleo das pevides.

No verão de 1948, estas fábricas utilizaram 7.000 vagões de tomates que produziram 80 vagões de pevides de que se extraíram 17 a 18 vagões de óleo de excelente qualidade para ser utilizado à mesa.

Conservas no Perú

A primeira fábrica de conservas de peixe, no Perú, foi montada em 1940. Actualmente existem 30 e estão 8 em construção. Estas fábricas dedicam-se sobretudo ao fabrico do atum, a espécie industrial que mais abunda nas costas daquele país.

Diziamos no número de Julho desta revista que havia chegado a hora de tratar, a sério, dos problemas que se prendem com a actuação comercial e industrial dos conserveiros, naqueles assuntos que estejam à margem das prerrogativas do I. P. C. P. e suas atribuições especiais e incluindo mesmo estas, não para as estorvar mas para lhes dar vigor e conduzi-las pelo caminho prático que as circunstâncias exigem.

Diziamos, também, que, por um lado, estamos presenciando como se coligam todos os numerosos compradores para, arbitrariamente, sujeitarem-nos a um preço de venda sem o devido estudo das possibilidades da produção, como se verifica pelos exemplos da França e Alemanha, que impõem ou pretendem impor preços que estão muito abaixo do custo, o que é improcedente e irritante, e da Inglaterra, que dá menos valor aos nossos produtos que aos de Marrocos. Mas, por outro lado, assistimos à nossa indiferença, à nossa passividade e, se quiserem, à nossa excessiva tolerância perante factos tão deprimentes como novos na politica comercial, forjados pelos organismos oficiais ou não oficiais de alguns países e que, a generalizarem-se sem lhes darmos a devida réplica, nos levariam à ruína.

Ao mesmo tempo que escreviamos aquelas reflexões aparecia na mesma revista um estudo do sr. Ferreira Barbosa (*Entenda-se que o rei...*) apresentando as BASES para a constituição de uma sociedade «Cooperativa-Entrepoto», que nos pedem para comentar, o que vamos fazer numa forma muito pessoal e da maneira mais concreta.

Avisamos, desde já, que as BASES, em geral, merecem a nossa aprovação total e reflectem muito claramente como o estudioso autor procurou não só moldar nelas o melhor conhecimento do que fez a Noruega, mas também ajustá-las com o maior acerto às necessidades e à psicologia dos nossos industriais.

Consequentemente, queremos fazer uma sugestão que não tende a destruir a essência dos seus sólidos fundamentos, antes, apoiando-os, dar-lhes melhores possibilidades e mais elasticidade, sem entrar em pormenores do que ainda há-de ser motivo de condicionamento.

Seguiremos, pois, as nossas notas preparadas para o momento em que tenhamos o prazer de colaborar na discussão.



A liberdade absoluta nas vendas de conservas conduz-nos a uma concorrência insensata que arruína a indústria e anarquiza os mercados. Assim, assistimos à concorrência interna, *não do maior ou menor lucro*, o que seria desculpável, mas do *maior ou menor prejuízo*, o que é criminoso e deve-se evitar.

Está aqui a razão mais imperiosa da sociedade projectada.

Os industriais são os únicos chamados a estudar, propor e a tomar as medidas necessárias, por sua conta e razão, se é que se crê que chegou o momento do crepúsculo do individualismo, que nos parece que é o que os compradores estão demonstrando e nos leva às nossas soluções colectivas, convencidos ou não de que nunca é tarde para entrarmos no bom caminho.

A sociedade crear-se-ia para equilibrar a produção e a venda e fixar, fundamentalmente, um preço de venda compensador, etc.

Não basta determinar preços mínimos ao acaso e com pontos de interrogação quanto às possibilidades; haverá que fixar preços equitativos e respeitados, porém com critério industrial e com base firme de efectivação.

Na «Central Norueguesa» existe a condição de regularizar também a pesca e os preços das matérias primas.

“COOPERATIVA”

por JOSÉ

Quando, em 1939, foi criado a primeira CENTRAL, esta contou com o apoio de todos os Bancos daquele país que contribuíram com os seus fundos para dar possibilidade de realização àquele organismo. Estes Bancos comprometeram-se, mesmo, a recusar novos créditos àqueles que por informação da CENTRAL tivessem delinquido e aos que quebrassem o acordo social.

Poderemos esperar dos nossos Bancos um procedimento semelhante? Não o sabemos, mas é contudo, preferível, singrar pelos próprios meios.

Depois da experiência de 1948, no que se refere a balanços, os recursos, em geral, diminuíram. Por isso mesmo, o Capital necessário para que a sociedade projectada possa dar o auxílio que se lhe pede, merece algumas reflexões que passamos a expor. Suponhamos que o *bom critério*, ou, se nos exprimirmos melhor, a necessidade, faz com que todos os industriais e alguns exportadores se disponham a dar vida ao projecto. Admitamos que o Governo concede o direito de exportar somente por intermédio desta sociedade, o que significaria um privilégio.

Queremos fazer a nossa análise limitando-nos ao nosso Centro (Matosinhos), mas uma mudança de números pode generalizá-la aos outros.

Assim, vamos a supor, hipoteticamente, que teríamos 50 associados, que o «stock» normal se fixava em 150.000 caixas e que dando a estas caixas um valor, por exemplo, de 280 escudos, necessitaríamos de um Capital de 42.000.000\$00, que seria em parte obtido entre industriais, exportadores e capitalistas por meio de obrigações a 4 %, o que não temos a certeza que venha a suceder.

Se fosse somente obtido entre industriais e exportadores, representaria 840 contos, em média, a cada um.

Pracendo-nos pouco viável tal contribuição neste momento que apregoamos de crise económica-financeira, permitimo-nos sugerir que a formação do Capital se re-

ENTREPOSTO"

A. MORA

vista de nova fórmula, com a intenção exclusiva de facilitar a participação de todos, deixando que o tempo nos ajude a constituir a quota integral, enquanto vamos vencendo os outros objectivos primordiais que consideramos de verdadeira importância e constituem o motivo do projecto.

É que não podemos enganar-nos a nós mesmos, dando com uma mão o que temos que receber com a outra, isto é., financiando imediatamente as nossas operações com os nossos próprios fundos, pois que, sendo assim, como de facto é, demonstra-se que a sociedade pode estabelecer-se sem Capital, bastando o necessário para os gastos. E neste caso devemos estudar uma capitalização prudente e suave que em poucos anos desse à sociedade o que julgamos difícil, senão impossível, obter imediatamente. Participar na formação do Capital com 80 % de mercadoria ou o total em numerário, vem a ser precisamente o mesmo, se bem que aceitemos que esse meio representa uma facilidade um tanto aparente, visto que ao retirar aquela mercadoria para a exportação teríamos

que dar dinheiro para recuperá-la — e isto é o que pode faltar-nos.

O que os industriais necessitam são fundos, mas não a saírem de eles próprios no momento da constituição da sociedade, porque esse sistema de financiamento não aumenta nem diminui as suas possibilidades, iguála-as. E não seria este meio um retrocesso, visto que, repetimos, podem cumprir-se os outros objectivos que consideramos mais fundamentalmente essenciais se os examinarmos à luz da verdade.

Se dividirmos em cinco anos — mais ou menos — a capitalização da quota que nos é atribuída, a sociedade não só se encontraria com o Capital necessário ao cabo de esse tempo, mas também poderia resolver amplamente os outros fins, como seja, equilibrar a produção e a venda, fixar preços compensadores, evitar concorrências insensatas e, sobretudo, destruir esse aspecto anticomercial e antirracional do maior ou menor prejuizo, em vez do clássico *justo preço ou justo valor*, que é onde está a virtude das nossas pretensões.

Esta fórmula representaria uma facilidade geral e um meio de impedir que, por impossibilidade material de realizar de pronto a quota atribuída, se perca o mais importante da questão que continuamos o crer e mantemos estar nos outros fins.

Com 8.400 contos anuais de capitalização poder-se-ia remediar as circunstâncias afilivas de qualquer sócio, se as tivesse, aumentando em cada ano a proporção do auxílio.

Supondo, por exemplo, uma produção média de 20.000 caixas a 280\$00 cada, na importância total de 5.600 contos, teríamos que entregar no decorrer de cada ano 168.000\$00, o que equivale a 3 % do valor da mercadoria, ou 224.0000\$00, na base de 4 %.

Isto não seria, porém, motivo para não contribuir com outra capitalização no teor do que se expõe no projecto. Desta maneira, pretendemos com as nossas sugestões:

- 1.º Tornar mais fácil a realização, ou melhor, tornar possível a realização do projecto.
- 2.º Não esperar nem precisar de capital alheio (estilo Salazar quando Ministro das Finanças).
- 3.º Facilitar a entrada na Sociedade de todos os industriais e exportadores — que é o desiderato desejado.
- 4.º Realizar os fins essenciais e fundamentais que atribuimos à sociedade;
- 5.º Dar um passo definitivo contando com os nossos próprios recursos (os únicos seguros) que excluem, desde o princípio, a intromissão alheia na

direcção e administração (difícil de evitar no caso de contrair obrigações, visto que esse capital exigiria representação adequada).

- 6.º Fazer possível a conciliação de interesses com uma disciplina comercial e industrial própria e não alheia.
- 7.º Usufruir as vantagens de ver desaparecer a anarquia nos mercados.
- 8.º Ter possibilidade de pôr um freio aos vendedores sem consciência.
- 9.º Buscar a futura orientação por meio dos verdadeiramente interessados.
- 10.º E talvez... evitar algumas ruínas próximas ou em incubação, o que já seria uma esplêndida recomendação.

Ao dizermos que a capitalização se vá realizando com os 3 % ou 4 % sobre o valor das exportações (do mesmo modo que se constitui o fundo corporativo por cada quilo de conserva exportadora, com a diferença de que no nosso caso disporemos da importância em sentido positivo) não pretendemos determinar que seja aquela precisamente a contribuição capitalizadora, limitando-nos a expor um exemplo. O que, sem dúvida, me parece indispensável, se quisermos chegar a bom porto, é se-

guir esta fórmula em vez da proposta no projecto e o que, de facto, queremos dizer, concretamente, é que procuramos o êxito e não o fracasso que viria a dar-se se nas actuais circunstâncias se pretendesse a realização integral do Capital. Sem sermos economistas, parece-nos que é um pouco falso aquele princípio, se observarmos quo antes de somar as nossas possibilidades, se nos diminui.

Já no projecto das BASES se prevê um meio interessante de capitalização que, se não interpretamos mal, é a partir da realização inicial do Capital e para formar este com aquela, isto é, reintegrando a cada um a sua primitiva participação, se não houver maiores necessidades, o que nos parece esplêndido.

A nossa sugestão, em todo o caso, difere em que a subscrição integral, desde o início da sociedade, é mais difícil que as subscrições parciais e suavemente suportadas.

Os Noruegueses obtiveram, digamos, do Rei... o privilégio pedido, mas aqui ocorrem-nos algumas perguntas relacionadas com a base XXIV que não podemos agora considerar para não fazer estes comentários demasiado extensos. Esperaremos outra oportunidade:

Matosinhos, 15-8-49.

ARTHUR STERN
C O M P A N Y

EXPORT. - IMPORT.

255 West 34th Street
New - York 1, N. Y.

Firma bem introduzida junto dos Importadores Americanos deseja agência exclusiva para Conservas de Peixe

Adolf Dircks & Co.

A casa mais antiga e especializada na ALEMANHA



Em Conservas de Peixe Portuguesas

Estabelecida em 1888



Endereço: HAMBURGO 11, Neuer Wandrahm 1

Endereço telegráfico: ALHAMBRA, Hamburgo

O PEIXE DE ANGOLA

(SUA VIDA E SUA MORTE)

pelo COMANDANTE FREDERICO CRUZ

Diz-se que um dia, uma Academia Científica estabeleceu chorrudo prêmio para a obra mais bem elaborada que se escrevesse sobre a vida do elefante. Concorreram um cientista francês, um inglês e um alemão.

O francês com o seu espírito ligeiro, mas simultaneamente brilhante, produziu um volume de 250 páginas em que descrevia, algo superficialmente, mas por forma agradável a vida do proboscídeo, nas suas *nharas* imensas e selvas impenetráveis. Chamou ao livro «A vida do elefante».

O inglês escreveu uma obra metódica de 400 páginas, descondo já ao pormenor e baptizou o livro de «Subsídios para um trabalho sobre a vida do elefante».

O alemão trabalhou incansável; descreveu a anatomia do bicho decímetro por decímetro cúbico; esmiuçou-lhe a vida desde o ventre materno até à morte por venerável velhice; estabeleceu-lhe mesmo a árvore genealógica a perder-se no crepúsculo da paleontologia; e intitulou o seu monumental volume de 900 páginas: «Introdução a um futuro tratado sobre a vida do elefante».

Este artigo, a despeito do seu título, ainda é, de longe, mais ambiciosamente simplista do que o livro do francês...

As águas de Angola, principalmente de Luanda para o sul e ainda mais acentuadamente do Lobito para o sul, são riquíssimas em peixe.

E quando se diz que são riquíssimas, não se significa apenas, serem inumeráveis os indivíduos que constituem os imensos cardumes; quer dizer-se também que as espé-

cies componentes de estes são de uma diversidade maravilhosa.

Começemos por enumerar os principais e, apesar de longa e fastidiosa, não resistimos ao desejo de re-produzir uma lista estatística oficial uma vez que «Conservas de Peixe» não é revista destinada a amenizar ócios nos serões, mas publicação acentuadamente técnica.

A espécies mis vulgares que povoam as águas de Angola são então as seguintes:

Albacora, Arenque, Atum, Barbudo, Bagre, Bica, Biqueirão, Boga, Cachucho, Camoil, Camochilo, Cação, Cambele, Camutunjo, Cangureira, Capasseca, Carapau, Catemo, Cavala, Charro, Cherno, Chicharro, Choupa, Coa, Condombolo, Congro, Correcosta, Corvina, Dourada, Garoupa, Godonha, Quemba, Judeu, Linguado, Lírio, Mariquita, Merma, Mero, Palombeta, Pargo-Quissanga, Pichelim, Peixe-agulha, Peixe-azeite, Peixe-espada, Peixe-galo, Peixe-prata, Peixe-serra, Pescada-bicuda, Pescadinha, Pungo, Quilucha, Raia, Rato, Roncador, Safio, Salema, Sardinha, Sarrajão, Savelha, Taco-taco, Taíinha, Tico-Tico, Tubarão, Viola; dos crustáceos encontram-se, nalguns locais, a lagosta, o camarão e os caranguejos; dos cefalópodos são vulgares os polvos, as lulas e os choccos; dos lamelibranquios as ostras, as ameijoas e os mexilhões.

Embora, como já se disse, as águas de Angola sejam muito abundantes em peixe, manda a verdade dizer que essa abundância não é permanente. Durante os meses de Fevereiro, Março, Abril e metade de Maio, a maioria das espécies afasta-se para o largo. Esse afastamento deve ser em parte provocado pela diminuição de salinidade das águas costeiras, consequente do enorme

caudal doce que os rios, engrossados pelas chuvas diluvianas, lançam no mar. Assim, as espécies estenobalinas afastam-se para o alto em busca do ambiente que lhes convém.

Nos restantes meses do ano, o peixe ocorre, em massa, ao planalto continental e os pescadores fazem belas pescas.

A vida dos peixes no seio das águas angolanas está longe de ser pacata. No ambiente azul cristalino o pânico é quase permanente. Estas paragens são povoadas por exércitos de tubarões e, desta forma, as espécies tornam-se vítimas de terríveis chacinas. E tão repletas andam estas antipáticas feras marinhas que os banhistas retoçam e nadam nas praias de Luanda e do Lobito, num à vontade confrangedor sem que — Deus louvado — desde há longos anos se recorde qualquer trágica agressão dos esqualos.

Não há ainda estudos realizados sobre os costumes das principais espécies de Angola. E ainda hoje se ignora se o atum vem do Índico, das bandas da América do Sul ou se vive mais ou meenos sedentário em vasta zona marítima envolvendo a Damaralândia e Angola. Também não se sabe, de certeza, o que faz a pescada, embora se suspeite que se conserva deambulando nos grandes fundos para além da plataforma continental, chegando-se em concentração para os 300 metros, lá pelas latitudes da baía dos Tigres quando o instinto genésico lhes acicata os nervos, ou mesmo mais dispersa quando em simples busca da nutrição. As pescadas pequenas encontram-se em menores fundos.

Estes mistérios e muitos outros, serão decifrados, após alguns anos de investigação científica, realizada pelo «Baldaque da Silva», quando esse navio de estudos de pesca e oceanográfico vier até às águas de Angola empregar a sua actividade.

A parte as tragédias e os simples sustos, que a presença dos tubarões provoca entre os cidadãos dos cardumes, a vida do peixe angolano não difere, obviamente, da das espécies que povoam os restantes ma-

res do globo. Os utilíssimos bichos vagueiam em busca do plancton e das espécies menores que os alimentam e, neste ponto, são felizes porque a mesa está quase sempre bem fornecida; caçam-se uns aos outros com aquela perseverança inspirada pela gula; procriam passeando e agitando-se nervosos sobre os ovos que as fêmeas largam; deixam-se cair nas redes e cravam-se nos anzóis, com a sua eterna e universal ingenuidade. E assim nascem, vivem e morrem.

Mas os maiores, os mais terríveis inimigos dos peixes angolanos, não são os tubarões, nem as grandes raias. São os pescadores.

A indústria da pesca e das conservas, em Angola, atingiu já um desenvolvimento notável.

Assim, quanto às artes de pesca entram pelo mar dentro 73 armações simples e 3 armações duplas; traineiras com cercos, são 15 a operar; traineiras pescando à linha, contam-se 12; redes de arrasto para a terra, existem 230 em actividade; são 85 as sacadas a armarem aos peixes as suas ciladas; as linhas e anzóis contam-se por vários milhares. No relativo a embarcações, andam nas fainas da pesca 62 motorizadas; 1364 à vela e a remos; canoas, dongos e bimbas a contarem-se por milhares.

Para o leitor reinol convém esclarecer o que seja uma bimba. Bimba, palavra gentilica, aplica-se a uma espécie de jangada, com pretensões a embarcação na forma, construída com troncos de uma madeira levisima. A água penetra livremente pelas juntas, como em qualquer cesto, e os indígenas trabalham numa banheira autêntica mas a diminuta densidade do material do casco, faz com que o bote sobrenade sempre.

O pessoal que se dedica às actividades pesqueiras é bastante numeroso. São 366 os europeus, 154 os mestiços e 12.672 os indígenas que mourejam nas fainas do mar.

Com este corpo de exército e o seu correspondente equipamento, não admira que os pobres peixes de Angola sejam arrancados, ao seu

elemento, nas quantidades que a seguir se indicam e que correspondem ao ano de 1948:

Área da Capitania do Lobito — 44.257 toneladas, área de Moçâmedes — 49.028 toneladas, área de Luanda — 5.185 toneladas.

Estas quantidades massiças de peixe foram consumidas na sua quase totalidade pelas salgas, fábricas de farinhas e óleos, e fábricas de conservas, sendo só consumido no estado fresco, uma parte diminuta.

O peixe destinado à seca, depois de transportado para terra, é levado às salgas. Ali é decapitado, desviscerado, lavado e mergulhado nos tanques de salmoura. Estes tanques são todos em cimento e abrigados por um telheiro. A sua largura, quando só têm uma face livre para o trabalhadores, não excede os 80 cm. O comprimento anda à volta dos 3 metros. A profundidade, 80 cm. Depois da salmoura o peixe é estendido nos longos e inclinados taboleiros de seca — *giraús* — e daí passa para os depósitos. Depois de uma primeira selecção, o peixe dá entrada nos armazéns dos Sindicatos — brevemente transformados em Grémios por lei recente — onde é dividido por categorias e emalado em fardos para a exportação. São 13 as categorias, consoante o tamanho e a espécie. Ao grupo I pertence a corvina, o pargo, enfim os melhores peixes. No grupo mais baixo entram os peixes pequenos e gordos. A mala de peixe do grupo I é cotada em 100 angolares e do grupo VIII-A em 49 angolares. Estes preços estão em vésperas de sofrer uma evolução mais favorável para o industrial.

O aproveitamento da pesca, nas instalações boas, é total. As cabeças e os restos em conjunto com o peixe sem, ou com baixa cotação, são convertidas em óleo e em farinha. Algumas fábricas têm, infelizmente, material ainda primitivo, usando prensas manuais e caldeirões abertos, em vez das boas prensas mecânicas e caldeiras adequadas.

Mas outras, como a Fábrica da Catumbela e a de José Domingues

Antunes, da Baía Farta, constituem verdadeiros ciclos de transformação completa e contínua entrando nas máquinas o peixe fresco por um lado e saindo em farinha e óleo pelo outro. Escusado será dizer que as máquinas não são reversíveis...

As farinhas têm nos mercados externos boa cotação. Os óleos, com características muito diversas, são pouco procurados.

As melhores fábricas de conservas de atum, sardinha e cavala em azeite ou óleo, encontram-se em Porto Alexandre, merecendo especial referência a de Patrício Correia.

Faz-se uma ideia da riqueza que representa a pesca em Angola, ao verificarmos que a valorização do peixe capturado, durante 1948, andou perto dos 80.000.000 de angolares.

Para amenizar e terminar, uma anedota autêntica.

Nos tempos primitivos da indústria conserveira de Angola, quando o justificado receio da falência, levava de vencida os escrúpulos, uma outra colónia fez, a determinado industrial, uma encomenda importante de conservas de atum.

O nosso homem não tinha atum mas o negócio não se podia perder e não hesitou. Enlatou merma e despachou o produto com o rótulo «atum de Angola».

O cliente não protestou. A carne escura da merma teve boa aceitação e novos milhares de latas foram encomendados.

Ora o nosso exportador, quando chegou o novo pedido, já tinha do rosado e autêntico atum e desta vez e honestamente, satisfaz a encomenda.

Qual não foi o seu espanto quando, tempos decorridos, recebeu áspera censura do cliente, por lhe querer impingir, na segunda remessa, produto de inferior qualidade...

Assim nasce, vive e morre o peixe de Angola, a sua carne e o seu sangue convertidos em notas e divisas.

FÁBRICAS DE CONSERVAS E SALAZONES

PINHAIS & C.^A, LIMITADA

AVENIDA MENERES, 700
MATOSINHOS

TELEG.: CONSERVAS
TELEFONE: 42 - M



CONSERVAS

DE:

Atum
Sardinhas
Cavalas
Chicharro
Anchovas
Pastas
de Peixe
Mariscos

MARCAS

REGISTADAS:

PINHAIS
MASCATO
RIOS
SAILOR
SEMPER -
IDEM
EDUSA
YO
CIBELES
MARINHEIRO

SARDINHAS EM MOLHOS, Prensadas e em Salmoura

ИЗДАНИЕ В ПЕРВОМ ТОМЕ

МАТЕМАТИКА

ОСНОВЫ

ГОРНКОСТАМ



ИЗДАНИЕ В ПЕРВОМ ТОМЕ



O Seguro Mútuo na Indústria da Pesca

Pelo DR. LUÍS SIMÕES DE ABREU

III (Conclusão)

Conforme anunciámos no último artigo, encerraremos hoje as rápidas considerações que temos vindo a tecer relativamente à actividade das Mútuas da Pesca. De entre os encargos anuais que estas devem suportar, para além dos que traduzem a sua função estritamente técnica, sobressaem as «Despesas Gerais» as quais, como se sabe, abrangem os gastos de Administração e os Impostos.

Como estes últimos oneram obrigatória e inevitavelmente os exercícios, é sobretudo pelo nível «Despesas de Administração» que a eficiência das Direcções mais facilmente se pode aferir.

No quadro n.º 1 indicam-se as «Despesas Gerais» referentes à totalidade das Mútuas nos passados 6 anos, com discriminação pelas categorias apontadas. No mesmo, para confronto, inscrevem-se os «Prémios» de Seguros Directos.

Os número mostram que o ritmo de aumento das «Despesas Gerais» fica bastante aquém do do aumento da receita. Em percentagem dos prémios, aquelas descem de 26 por cento, em 1943, para 20 por cento, em 1947, e para menos de 17 por cento, em 1948. As «Despesas de Administração» ampliam-se relativamente mais do que os «Impostos», o que se explica por um lado pelo facto de as primeiras serem mais elásticas ao agravamento dos preços e dos ordenados, e por outro pela circunstância de, depois de 1945, ter desaparecido o «Imposto sobre Lucros de Guerra» que pesava fortemente na «Mútua dos Navios Bacalhoeiros»; Convém sublinhar que não assumem aspectos igualmente favoráveis estes índices em todas as Mútuas. Na realidade, a «Mútua dos Bacalhoeiros» contribui decisivamente para aformosear as percentagens médias nos exercícios mais re-

centes. Basta notar que, em 1948, as «Despesas Gerais» desta pouco excederam 10,5 por cento dos Prémios (4,4 por cento respeitantes a Administração), o que a coloca numa posição de supremacia em relação à média das Companhias de Seguros Nacionais. No ano anterior, a percentagem situava-se na vizinhança de 16 por cento. A enorme descida dependeu porventura, em parte, de qualquer modificação no critério de contabilização de alguns encargos. A «Mútua da Sardinha», em compensação, atingiu em 1948 uma percentagem superior a 31 por cento, pouco brilhante, o que resulta principalmente de a receita não ter aumentado, em virtude das vicissitudes da pesca da sardinha, por forma a acompanhar o crescimento dos preços e dos vencimentos. Mas, de um modo geral, não peca por temeridade a afirmação de que os «Encargos da Administração» das Mútuas (mesmo sem descontar a alcavala que representa a inclusão nestas, de contribuições certas ou eventuais para a receita dos Grémios parentes), não carregam mais a exploração dos que os das Sociedades Privadas de envergadura semelhante. Quanto aos «Impostos», vale a pena mencionar que a incidência da «Contribuição Industrial», determinada de maneira diferente da das Sociedades Anónimas, não beneficia as mútuas. Em todo o caso, a percentagem global não se afasta muito nas várias categorias de empresas.

Focada assim a influência das «Despesas Gerais», interessa averiguar, por fim, quais os resultados líquidos da exploração, nos últimos anos. Estes constam do quadro n.º 2, distribuídos por mútuas.

As cifras mais uma vez descobrem a esmagadora superioridade da «Mútua dos Bacalhoeiros» que afinal provém, antes de mais, do volume relativamente grande da sua receita. Os seus exercícios têm sido encerrados permanentemente com lucros que vão de 13 por cento (1944) a 27 por cento (1947) dos «Prémios de Seguros Directos», percentagens

Quadro n. 1 (valores em contos)

Despesas gerais	1943	1944	1945	1946	1947	1948
De Administração.	2.472	2.562	3.076	3.290	4.076	3.272
Impostos	2.073	2.068	2.176	1.764	1.928	2.310
Total.	4.545	4.650	5.252	5.054	6.004	5.583
Prémios.	17.234	19.567	22.801	27.411	28.661	33.801

Quadro n. 2 (valores em contos)

Mútuas	Resultados líquidos						Totais
	1943	1944	1945	1946	1947	1948	
M. A. P. do Arrasto . . .	962	443	645	566	547	1.071	4.862
M. A. P. da Sardinha . . .	648	423	387	4	- 2.086	- 26	- 650
M. dos Bacalhoeiros . . .	2.032	1.417	3.453	2.033	4.739	4.395	18.159
M. dos Pescadores	37	51	3	15	- 1.000	237	- 657
Total	3.679	2.334	4.576	2.618	2.200	6.307	21.714

estas de que as «Companhias de Seguros» se não podem gabar.

No aspecto da rentabilidade, não queda atrás a «Mútua da Pesca do Arrasto» cujos lucros, em 1948, ultrapassaram 25 por cento dos «Prémios».

Quanto à «Mútua da Sardinha»; os resultados mostram-se francamente maus de 1946 para cá, o que se correlaciona com a crise da pesca e, em 1947, com a catástrofe de Matosinhos de que nos ocupámos no anterior artigo. Finalmente, a «Mútua dos Pescadores», excluído o ano de 1947 que reflecte a mesma tragédia, dada a sua qualidade de Resseguradora, embora não revele prejuízos, também não ostenta benefícios notáveis.

De qualquer modo, o quadro informa-nos ainda de que, nos 6 anos, as Mútuas, em conjunto, pouparam à «Indústria da Pesca» 21.714 contos, abatido o prejuízo de 1.307 das «Mútuas da Sardinha e dos Pescadores».

Escusado será dizer que para estas duas últimas se impõe um esquema de «Resseguro» que neutralize o efeito das catástrofes.

Resta investigar agora qual o destino dos lucros e prejuízos obtidos.

Em regra, os Estatutos proibem a distribuição de lucros antes de resgatado o capital de garantia e de acumulada uma Reserva Livre importante que, por exemplo, no caso da Mútua da Sardinha, se fixou em 10.000 contos.

Requere ainda menção particular

a «Mútua dos Navios Bacalhoeiros» cujo instrumento de constituição estipula que «os lucros líquidos, feitas as deduções obrigatórias ou facultativas, serão levados a crédito de cada unidade de pesca, na proporção dos prémios que tiver pago».

Determina também que «sempre que algum navio se perca ou desarme será creditada na sua conta, no exercício seguinte, a parte proporcional aos prémios por ele pagos e que lhe vier a caber dos vários fundos de reserva da Mútua».

Estabelece-se assim o princípio, que aliás se aplica a outras mútuas, de que os lucros são atribuídos às unidades de pesca na proporção do montante dos prémios pagos.

E se forem apurados prejuízos? Claro que para todos os efeitos a responsabilidade de cada sócio se limita aos prémios por ele desembolsados. Na emergência de um «deficit» avultado, não comportado pelos Fundos de Reserva Livres, há que recorrer a remédios excepcionais

que os Estatutos não prevêm. Daqui a pouco apontaremos um, já utilizado.

Antes, todavia, convém levar ao conhecimento do leitor algumas verbas que permitam apreciar a rota da situação económica das várias Mútuas, no período que estamos focando.

O quadro n.º 3 que nos dá a «Situação Líquida» — diferença entre o Activo e Passivo — de todas, serve bem tal objectivo.

O robustecimento das Mútuas do Arrasto e das Navios Bacalhoeiros é flagrante e foi conseguido pela acumulação dos lucros sob a forma de «Reservas Livres». A segunda possui alguns milhares de contos de Títulos do Estado hoje fortemente desvalorizados (com um prejuízo potencial de 368 contos), o que reduziu levemente o saldo acima indicado.

Mais precária se mostra a posição das outras duas, muito especialmente a partir de 1947, em consequência da catástrofe de Matosinhos. Em qualquer sociedade comercial o excesso prolongado do passivo sobre o activo significaria a falência. No caso da Mútua da Sardinha, no entanto, arranjou-se solução que consistiu no lançamento duma taxa de 0.5 por cento sobre o valor do pescado, autorizada superiormente ao Grémio dos Armadores da Pesca da Sardinha.

A receita desta, em 1948, atingiu 1.450 contos. Ignoramos se a «Mútua dos Pescadores» cuja situação

(Continua na pág. 31)

Quadro n. 3 (valores em contos)

Mútuas	1943	1944	1945	1946	1947	1948
A. da P. do Arrasto . . .	1.605	2.048	2.691	3.256	3.804	5.807
A. da P. de Sardinha . . .	1.058	1.407	1.821	1.835	- 482	852
Navios Bacalhoeiros . . .	11.610	11.293	14.457	15.715	18.347	21.181
Mútua dos Pescadores . .	74	100	71	82	- 926	- 678
Total	14.347	14.848	19.040	20.888	20.743	26.840

MATÉRIAS PRIMAS



A situação da folha nos E. U. A.

A procura de folha nos Estados Unidos decresceu nos últimos meses enquanto que as fábricas mantêm inalteráveis as suas possibilidades de produção. Só há tempos é que foi necessário invocar razões de prioridade para garantir aos consumidores dos países estrangeiros o recebimento da folha indispensável para a conservação dos alimentos essenciais. Actualmente todas as fábricas americanas produtoras de folha procuram novas encomendas e aceitam-nas sem quaisquer preocupações de prioridade.

A melhoria da situação no abastecimento da folha, foi em grande parte facilitada por uma maior aplicação dada à folha electrolítica.

Por exemplo: a folha electrolítica de 25 lbs. pode ser agora utilizada para qualquer fim; a de 1,25 libras, para quaisquer utensílios de cozinha e a de 1,50 libras para tampas de quaisquer recipientes.

Em virtude destas condições favoráveis, espera-se que a regime de contingentes só se manterá até ao fim do presente ano.

Preço do Estanho

O preço do estanho em Singapura foi reduzido para 553,5 libras, segundo foi oficialmente anunciado.

O preço anterior, fixado em Julho do ano passado, era de 554 libras.

O único comprador do estanho de Malaca é o Ministério dos Abastecimentos da Grã-Bretanha.

A produção de borracha e de estanho na Malásia em 1948

A produção de borracha da Malásia atingiu em 1948 a cifra «record» de 696.978 ton., seja mais 50.000 ton. do que em 1947. Considera-se geralmente que esta cifra represen-

ta pouco mais ou menos o máximo que é possível conseguir deste território. Por outro lado, e apesar das perturbações políticas, as exportações de estanho da federação da Malásia alcançaram no ano passado 45.018 ton. num valor de 194 milhões de dólares, contra 26.380 ton. no valor de 94 milhões de dólares em 1947.

No fim de 1948 existiam na Malásia 566 minas e 67 dragas em laboração, ao passo que em Dezembro de 1947 haviam, respectivamente, 178 minas e 56 dragas.

A Borracha

Damos a seguir: 1.º, os cálculos de produção da borracha natural para os principais territórios; 2.º, os cálculos de consumo de borracha natural e sintética para estes mesmos países:

Estimativa da produção de borracha natural para 1949 (em milhares de toneladas): Malásia, 700; Indonésia, 500; Ceilão, 90; Indochina, 45; Bórneo inglesa, 62 Burma, 12; Libéria, 27; outros países, 139; total: 1.575.

Estimativa de consumo de borracha natural e sintética para 1949 (em milhares de toneladas): U. S. A., 1.010, das quais 410 de sintética; Grã-Bretanha, 185, das quais 2 de sintética; França, 105, das quais 8 de sintética; Países Baixos, 10; Bélgica, 15; Checoslováquia, 30; Itália 36, das quais 3 de sintética; Dinamarca, 5; Hungria, 3; Austrália, 30; Canadá, 60, das quais 20 de sintética; outros países, 411, das quais 7 de sintética; total: 1.900 das quais 450 de sintética.

A borracha natural terá que fazer frente à concorrência da borracha sintética cuja qualidade continua a melhorar.

O novo processo de borracha fria

tomará o lugar não só da borracha sintética mas também da borracha natural, para os pneus e outros usos.

A produção mundial do Estanho

As estatísticas publicadas pelo Grupo Internacional de Estudo do Estanho em relação ao mês de Abril mostram um declínio geral da produção neste mês em comparação com a do anterior.

A produção mundial de minério do estanho foi em Abril de 12.900 ton. tendo sido de 13.300 em Março, enquanto a produção do metal baixou de 14.500 ton. em Março para 13.000 ton. em Abril.

As exportações de minério de estanho em Abril totalizaram 6.500 ton. tendo sido de 7.400 no mês anterior e as exportações de estanho metal declinaram de 8.700 para 6.500 ton. respectivamente em Março e Abril.

A produção de folha de Flandres baixou para 338 mil toneladas em Abril de 392 mil em Março. Esta produção nos Estados Unidos baixou de 296.991 ton. em Março para 263.274 em Abril, enquanto que a da Grã-Bretanha desceu de 65.200 ton. para 45.700.

Importação Portuguesa de matérias primas

Janeiro	Kgs.	Esc.
Chumbo	106.505	1.413.650
Folha	1.777.264	9.887.097
<i>Fevereiro</i>		
Chumbo	232.774	3.140.330
Folha	1.241.045	6.479.390
<i>Março</i>		
Chumbo	310.115	4.238.349
Folha	1.837.452	10.069.515
<i>Abril</i>		
Chumbo	165.054	2.288.000
Folha	920.556	4.829.440
<i>Mai</i>		
Chumbo	54.113	760.240
Folha	1.181.263	6.684.450
<i>Junho</i>		
Chumbo	3.147	31.460
Folha	1.380.295	4.038.404



F. NÓBREGA DE LIMA, L.^{DA}

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS DE:

Matérias primas para a Indústria, Maquinaria e Motores

E. W. BLISS & Co.

Prensas, Instalações completas
para o fabrico de vazios, etc.

FAIRBANKS, MORSE & C^o. INC.

Motores Diesel marítimos, Ge-
radores, Balanças automáticas
de todos os tipos, etc.

PALLARÉS HERMANOS S. A.

Azeites de Oliveira

REPUBLIC STEEL CORPORA-
TION

Folha de Flandres, arame, etc.

SIGNODE STEEL STRAPPING

Arco de ferro para embalagens,
etc.

SEDE

LONDRES

115 Park Street Lon-
don, W.1

Teleg. Julima London
Telef. MAYFAIR 3391

Av. 24 de Julho, 1,
2.º Dt.º

Teleg. Julima — Lisboa
Telef. 22192/3
LISBOA

PORTO

R. Sá da Bandeira,
562, 3.º

Teleg. Julima — Porto

Do carácter conservador da nossa indústria conserveira

Pelo Dr. José de Noronha Gamito

Arkwright ao inventar, à volta de 1784, o primeiro tear mecânico para os tecelões de Manchester agravou dramaticamente a multi-milenária rivalidade entre senhores e servos precipitando-a nesta luta, nem sempre latente, entre patrões e operários, dirigentes e dirigidos, que abala os alicerces da sociedade contemporânea.

A invenção de um pequeno negociante de província foi o germen da terrível crise social que caracteriza os nossos tempos. A «Questão Social», tal como nós hoje a entendemos e sofremos, nasceu com os primeiros movimentos mecânicos obtidos sem o concurso directo da força humana ou animal. É óbvio que não foi exclusivamente o mecanismo o gerador da Crise, contudo deve-se reconhecer nele uma das suas principais causas. Basta que constataremos a contemporaneidade e o desenvolvimento paralelo da agitação social com o da grande indústria, toda ela de base mecânica. E se esse argumento de carácter histórico não for, só por si, suficiente, talvez o seja uma breve análise da própria natureza do industrialismo, desenvolvida com o intuito de descobrir nele os factores de inquietação das massas. Esta análise terá até a utilidade de nos dar a explicação desta feliz verdade, que nem só a estrangeiros parece absurda: o nosso meio industrial, sobretudo o das conservas de peixe, por mais aperfeiçoado tecnicamente que seja, não reúne as condições geradoras do mal-estar social. Farei a demonstração desta tese estudando, um a um, os quatro factores de inquietação emergentes da grande indústria.

Não é necessário ter-se lido e meditado Gina Lombroso para se reconhecer que a introdução e exploração da máquina implica, em gran-

de parte, a dispensa progressiva do trabalho humano e, por consequência, o aumento das privações da classe operária sujeita ao desemprego. É tão verdadeira esta relação de economia política, apesar de todas as inovações técnicas e de carácter social que a pretendem desmentir, que até se pode medir o grau de desenvolvimento das principais indústrias nos grandes países pelo índice de *chômage* registado nos sectores operários relacionados com essas indústrias. Eis um dos primeiros factores de inquietação.

Por outro lado, o aperfeiçoamento da maquinaria e a standardização da produção, obrigando à repartição e especialização exaustiva do trabalho, conduz à amputação progressiva das faculdades humanas do operário, a qual só termina quando subsiste nele apenas uma dessas faculdades, que será metódicamente ginasticada, ao ponto de dar ao trabalhador este duplo aspecto perfeitamente paradoxal: ser, na sua oficina, um elemento indispensável para a harmonia do complexíssimo tecido da sua indústria, e ser, na vida social, na vida mais amplamente humana da casa e da rua, um autêntico monstro inadaptável às mais leves mutações do fenómeno histórico. Ora, esta amputação, clara ou obscuramente sofrida pelo operário, cria nele um estado latente de rebelião quase orgânica, que facilmente explode no incidente político, sempre de consequências tão graves para a precária estabilidade da vida social. Aqui, o 2.º factor de inquietação.

Se atendermos agora, na grande indústria, à relação económica existente entre o salário do operário e o lucro final do empresário, seremos levados a acreditar que cada um dos diferentes níveis ou sectores em que

se decompõe qualquer indústria opera, no sentido do prémio dos esforços, como um ampliador irreversível de modo que quanto mais fomos subindo na hierarquia desses níveis maior se torna a desproporção entre os prémios inicial e final. Quer dizer: neste aspecto, a indústria é um agente de desniveleção económica e, portanto, de inquietação social. Eis-nos no 3.º factor.

Uma das consequências de melhor alcance social, embora habitualmente descuidada, do incremento formidável da industrialização é o afastamento progressivo, a crescente ausência de contactos entre o operário e o empresário, separados pela gigantesca complexidade da organização técnica e administrativa. Ora, este afastamento gera sempre, por parte do empresário, uma objectividade insensível às ansiedades dos subordinados, e, por parte do operário, uma antipatia por quem lhe é superior. É este o 4.º factor de inquietação.

Façamos agora uma análise comparativa da natureza da nossa indústria conserveira e tiremos, sucessivamente, as consequências necessárias.

1.º — A indústria das conservas de peixe não dispensa o trabalho humano devido às condições quase inalteráveis do seu labor. A sua matéria prima é duma tal natureza que não poderia ser preparada senão pelo trabalho manual. Aqui, a máquina quase só intervém nos trabalhos subsidiários do enlatamento e azeitamento. É, por natureza, uma indústria simples dependente de processos inevitavelmente rudimentares, impossíveis de se realizarem sem a assistência assídua da mão. Também está na dependência duma outra indústria rudimentar — a pesca — na qual o trabalho humano é quase o único agente servido pela mais singela aparelhagem, como é a das redes. O único caso, neste ramo industrial, de substituição do homem pela máquina deu-se há cerca de duas dezenas de anos com a adopção da cravagem mecânica, mas os soldadores dispensados puderam

ser admitidos noutros mesteres da indústria, quando não passaram a ser eles próprios os controladores das novas máquinas. Portanto, pode afirmar-se que a nossa indústria conserveira não motivará a inquietação social pelo desemprego da massa operária.

2.º — Esta indústria é tão rudimentar que não impõe uma acentuada especialização àqueles que a ela se dedicam. Qualquer dos seus diferentes processos é tão simples que, com pouca prática, qualquer operário hábil o aprenderá, podendo até praticá-los sucessivamente, se houvesse necessidade. Eis afastada mais uma causa da inquietação: os operários conserveiros mantêm a integridade harmónica das suas faculdades humanas. Esta a razão por que qualquer possível agitação neste sector nunca poderá ter o terrível carácter orgânico.

3.º — Na sua maior parte, esta indústria é constituída pelo agregado de um grande número de pequenas empresas, furtando-se assim à lei da concentração que rege a grande indústria. Se, sob o ponto de vista económico, esta disseminação pode significar uma desvantagem, sob o ponto de vista social ela vale antes como um grande benefício, pois é condição de um relativo equilíbrio económico não só entre os diferentes empresários como entre estes e os seus empregados. Aqui a lei da concentração não faz convergir o lucro num pequeno número de indivíduos e esse lucro é repartido com diferenças que poderemos considerar mínimas, se atendermos àquilo que acontece lá fora. Não há milionários — no sentido americano do termo — na indústria conserveira nacional. Esta relativa nivelção económica torna interdependentes patrões e operários, os quais prolongarão, já no campo afectivo, a solidariedade que os liga originariamente no campo económico. Desta forma se anula outro factor de insatisfação.

4.º — Precisamente porque a lei da concentração não actua seriamente nesta indústria, esta mantem-se

sob formas quase espontâneas de organização, formas que implicam necessariamente convívio intenso, interpenetração eficaz. Nas nossas fábricas os patrões estão em contacto directo e constante com os seus empregados vivendo assim com eles um pouco da sua vida. Não há aqui necessidade de inspectores nem de ficheiros complexos. Com frequência conhece o patrão o estado dos seus subordinados e também com frequência lhes dá o apoio oportuno. Forma assim cada empresa uma grande equipa unida pelo mesmo espírito familiar, autêntico milagre no mar proceloso das incompreensões e animosidades em que se tor-

nou a vida social do mundo contemporâneo. Menos um factor de agitação a perturbar o nosso mundo obreiro.

Desta rápida análise se pode concluir que a indústria das conservas de peixe tem um carácter conservador que a distingue da grande indústria moderna, que parece mover-se num sentido catastrófico. É claro que não deve procurar-se apenas nas condições imediatas da sua existência a razão desta função pacificadora. Para além desse condicionalismo — e dominando-o talvez — está a própria alma bondosa do nosso povo, inspirada profundamente no ideal cristão da vida.

ÍNDICE DOS ANUNCIANTES

(Ordem alfabética)

ADVERTISERS INDEX

(Alphabetic order)

Fabricantes Exportadores (Canned fish Packers & Exporters)	
	Pág.
Alberto Soares Ribeiro, Lda. Lisboa	
Algarve Exportador, Lda. Capa	
Botelhos & C.ª Matosinhos	
Casebre & C.ª, Lda.	37
Conservas António Alonso, Lda.	10
Conservas Prado, Lda.	5
Cordeiro Santos & Ferreira Lisboa	
Edmundo Ferreira	31
Empresa Exportadora Lusitania, Lda.	39
Feu Hermanos, Lda.	37
Forbes de Bessa & C.ª, Lda.	26
José Correia Pentes, Lda.	40
Júdice Fialho & C.ª	40
Lopes da Cruz & C.ª, Lda.	39
Manuel Pereira Júnior	39
Pinhaes & C.ª, Lda. Folha	
Portugália Industrial, Lda.	35
Ramirez & C.ª, Lda.	3
Sardinha do Algarve, Lda.	31
Severo Ramos, Lda.	40

Comerciantes Exportadores (Canned Fish Exporters)	
Aliança Exportadora, Lda.	33
Mendes & Anjos, Lda.	32
Serrão de Faria & C.ª	30

Importadores & Agentes (Canned Fish Importers & Agents)	
Adolf Dircks & Co.	22
Arthur Stern Co.	22
Bien Trading Co.	6
Dott Carmelo Arpa	16
Granadaisa Foods Inc.	6
H. & T. Walker Ltd.	3
Martel Food Corp.	34
Richard D. Dudley	38

Schroeder Bros Inc.	5
Schwarz & Ehrlich	1
Steinhardter & Nordlinger	36
Strohmeyer & Arpa Co.	4
The Norport Co.	5
Victor M. Calderón Co.	2

Fornecedores de Folhas e outros materiais (Suppliers of tinsplate and other materials)

Afonso Barbosa & C.ª	18
Agência Comercial e Industrial, Lda.	36
Brewster Trading Corp.	4
F. Nóbrega de Lima, Lda.	28
J. B. Cardoso, Lda.	34
Mendes & Anjos, Lda.	32
Steinhardter & Nordlinger	38

Serrão de Faria & C.ª

Import — Export

Rua Nova do Almada, 36-2.º - Telefone 2 8623

Telegramas DEFARIA — LISBOA

★

Ses vieilles marques :

LES GLORIEUSES — LE SOURIRE —
BRISE MARINE — BELVEDER — FAN-
DANGO — TURANDOT — ELLINOR
— STADIUM — YVONNE

PESCA DA SARDINHA

MAIO DE 1949

Lotas	Destino	PESO			VALOR		
		Percent. %	Quilos	Total	Percent. %	Escudos	Total
Matosinhos	consumo	-	270.917	270.917	-	1.641.059\$00	1.641.059\$00
Peniche	consumo	-	123.010	123.010	-	708.971\$20	708.971\$20
Lisboa	consumo	-	193.278	193.278	-	1.189.337\$00	1.189.337\$00
Setúbal	molhos	26,25	15.047	57.320	27,04	68.895\$00	254.756\$00
	consumo	73,75	42.273		72,76	185.861\$00	
Lagos	molhos	25,00	4.585	18.340	24,57	22.870\$00	93.070\$00
	consumo	75,00	13.755		75,43	70.200\$00	
Portimão	molhos	64,74	203.420	314.230	68,56	1.171.435\$00	1.708.534\$50
	consumo	35,26	110.810		31,44	537.099\$50	
Olhão	molhos	54,83	136.574	249.697	56,96	725.650\$00	1.274.063\$00
	consumo	45,17	112.523		43,04	548.413\$00	
V. R. de S. António	molhos	35,36	12.540	35.460	37,61	56.617\$00	150.524\$00
	consumo	64,64	22.920		62,39	93.907-00	
				1.261.652			7.020.314\$70

Para conservas em molhos 372.166 quilos (29,50 %) Esc. 2.045.467\$00

Media do preço por quilo, em cada centro, para conservas em molhos

Setúbal 4\$57, Lagos 4\$98, Portimão 5\$75, Olhão 5\$31, Vila Real de Santo António 4\$51

Economia & Finanças

(Continuação da pág. 26)

permanece angustiada, virá a beneficiar da mesma taxa. Deve notar-se que o remédio se obteve, em última análise, à custa do consumidor, representando, por conseguinte, uma ajuda estranha.

★

Terminaremos este ligeiro esboço sintetizando as conclusões.

Primeiro, admite-se a viabilidade das Mútuas de Seguros na Indústria da Pesca, desde que se faça o resseguro nas sociedades anónimas, pelo menos enquanto a envergadura daquelas for reduzida e o pequeno número das unidades sujeitas ao risco não garanta a necessária compensação.

Em segundo lugar, registre-se que os encargos administrativos podem contrair-se vantajosamente, em relação aos das Companhias de Seguros.

Por derradeiro, constata-se que a existência das Mútuas evita um exôdo anual de fundos da Indústria da Pesca para as empresas de Seguros Privados, de alguns milhares de contos.

Tele { phone: 272-M
grams: AVIZ

FÁBRICA
DE CONSERVAS

A V I Z

EDMUNDO FERREIRA

Import — Export

HEAD OFFICE

MATOSINHOS (Portugal)

Rua D. João I, 123

FACTORY

VILA DO CONDE (Portugal)

Pedidos de Representação

- Isholla Trading Stores
P. O. B. 115 — Lagos S. Nigéria.
- Heinrich Thams
Brook 2. «Standtorquaihof» Ja/
/Kü — Hamburg 11.
- Fisch-Mayer
Huthorstweg 21-27 — Mannheim.
- H. Smith
The Croft, Stanwell Moor Staines,
Middx (Southern Rhodesia).
- Erich Peter Gabriel
Rotldornweg 43 — Köln-Bicken-
dorf.
- Soon Seng C.
27, Malay Street — Kuala Lum-
pur — Malaya.
- Carters (Merchants) Ltd.
Winchester House, Old Broad
Street — London E. C. 2.
- Robert Beckmann
Tannhäuserstr. 3 — Dusseldorf/
Oberkassel.
- Société Commerciale Inter Océa-
nique
24, Rue Maréchal — Galliem. Le
Hayre.
- «Transagraire»
Spitalgasse 40 — Berne.

Das melhores marcas do
Mundo de folha de flandres



SUB-AGENTES NO NORTE
BURNAY COMERCIAL, LDA.
Rua Aviz, 10 PORTO



Distribuidores Gerais:

Mendes & Anjos, L.^{da}

O L H Ã O



Agência de Lisboa:
Rua Augusto Rosa, 66

SUPERDRAW



PORTUGUESE CANNED FISH



**ALIANÇA
EXPORTADORA, L^{DA}**
LISBOA-PORTUGAL



**SARDINES
TUNA FISH
ANCHOVIES
MACKERELS**

H. ORMAI

**U.S. EXCLUSIVE REPRESENTATIVE
100, HUDSON STREET
NEW YORK, 13**





J. B. Cardoso, L^{da}

Calçada de Santo Amaro, 3 - LISBOA

OS MAIS ANTIGOS FABRICANTES EM PORTUGAL

DE

CHAVES — GRELHAS — PREGOS

AGENTES DEPOSITÁRIOS

MATOSINHOS

Afonso Barbosa & C.^a, L.^{da}

R. de Brito Capelo, 1023

SETÚBAL

Setúbal Factories Agency, L.^{da}

Av. Luiza Todi, 277

ALGARVE

Feliciano Anjos Pereira

OLHÃO

Sardinha do Algarve, L.^{da}

FABRICANTES E EXPORTADORES

CONSERVAS DE PEIXE
em azeite e em salmoira

Fabricações especiais em
azeite na marca MARGARET
Sardinhas sem espinha
Sardinha sem pele nem espinha

FILETES DE ANCHOVAS

Endereço Telegráfico: «Sardinha» / Telefone 25

OLHÃO — PORTUGAL

MARTELL

REG. U.S. PAT. OFF.
BRAND



Conservas Portuguesas

SARDINHAS

ANCHOVAS

ANTIPASTO

Preparadas para a nossa firma
pelos melhores fabricantes de
Portugal e saboreadas pelo
mais fino paladar Americano

ADOLPH GOLDMARK & SONS CORP.
MARTELL FOOD CORP. NEW YORK
U. S. A.

Cordeiro Santos & Ferreira, L.^{da}

Rua Bartolomeu Dias, 35 a 43
L i s b o a — P o r t u g a l

Fabricantes de toda a variedade de Con-
servas: Azeitonas, Hortaliças, Frutas,
Legumes, Mariscos, etc. • Exportadores de
Azeite • Proprietários das conhecidas
marcas de Sardinhas e Atum
LE HERON — MASCOTE — INVEJAVEL

Endereço telegráfico: OICANGI

Telefones: P. B. X. { 38 101
38 102
38 103

Portugália Industrial, Lda.

Algarve — PORTIMÃO — Portugal
Telefone n.º 35 — Telegramas: "PORTUGÁLIA"

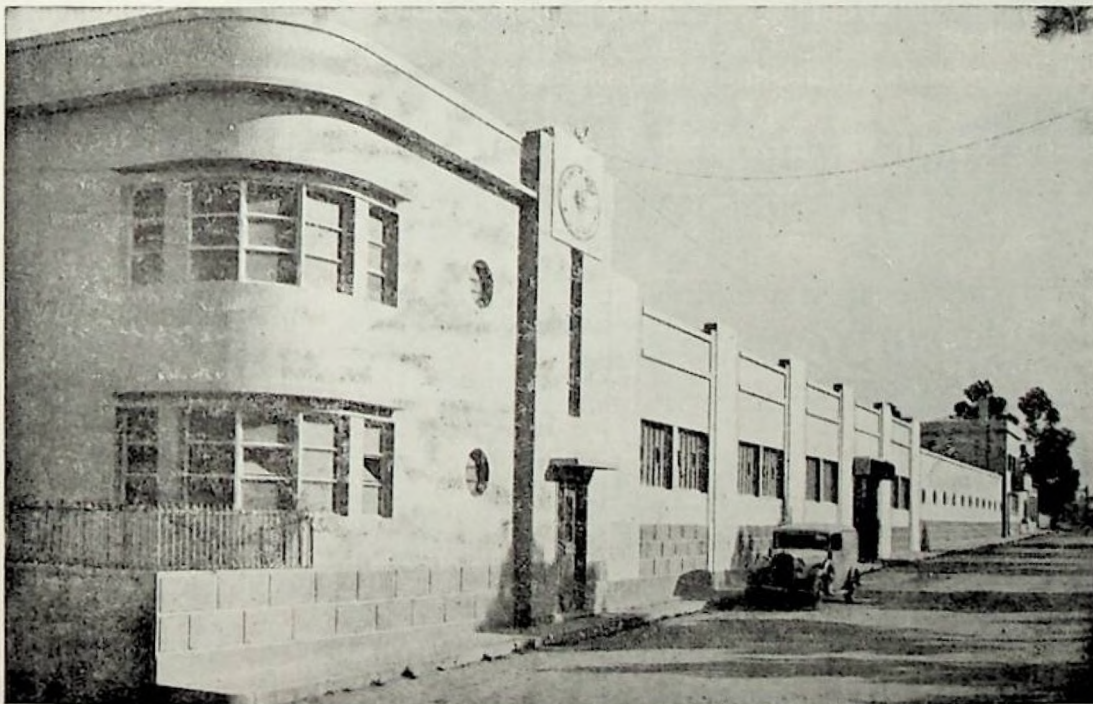
Preserved fish in olive, oil and brine

Selected quality
Sardines
Boneless — Plain — Skinless
Fish paste
Filets of anchovies, sardines and mackerels
Packers and Exporters
Fishing departement

Registered Marks:

«SUPER-OMNIA»
«PORTUGALIA»
«ANNIE»
«EAGLE»
«LE PLAISIR»
«ALL RIGHTS»

BOTELHOS & C.^A



MATOSINHOS

—
“Botelho”
brand
the
finest quality
—

Packers only of
anchovies in
olive oil and an-
chovy paste

Forbes de Bessa & C.^a L.^{da}

FÁBRICA DE CONSERVAS

RECORD

TELEF. 355
TELEG. RECORD
APARTADO 35

Rua Mouzinho de Albuquerque, 673
MATOSINHOS

MARCAS:

Forbes — Record — Ramos
Radar — Romeu e Julieta — Una

ACIL

Agência Comercial e Industrial, Lda.

IMPORT. — EXPORT.
COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

PRAÇA DA RIBEIRA NOVA, 6-2.º
LISBOA - PORTUGAL

TELEF. 27677 — TELIG. ACILDA

Importadores e Distribuidores de Matérias
Primas para a Indústria de Conservas
Óleo de Mendobi e Azeite de Oliveira,
Folha de Flandres, Inglesa e Americana
Arames, Arcos para Caixas, etc.

ARMAZÉNS EM:

MATOSINHOS-SETÚBAL
PORTIMÃO-OLHÃO

STEINHARDTER & NORDLINGER

Os Agentes mais antigos nos E. U. A. para as
CONSERVAS DE PEIXE PORTUGUESAS

ESTABELECIDOS EM 1908

Escritórios principais em:

105, Hudson Street
New York City, N. Y.

112 Market Street
San Francisco, California



LA ROSE

CONSERVAS DE PEIXE

SARDINHAS — ATUM — FILETES DE
CAVALA — FILETES DE ANCHOVAS

FEU HERMANOS

RESP. LIM.

PORTIMÃO — ALGARVE



FUNDADA EM 1920



MARCA REGISTRADA

Steinhardt & Nordlinger

FIRMA EXPORTADORA

105, Hudson Street
New-York City, U. S. A.

Exportadores de todos os materiais necessários para o fabrico de Conservas de Peixe

Folha

Arame para precintar

Fita de aço para precintar

Maquinaria para vazio

Arame para chaves

Verniz para latas

Arco de ferro

Geradores

Cabo de aço

Guinchos e monta cargas

Motores Diesels

Arame queimado

ENTREGAMOS O QUE VENDEMOS

Endereço telegráfico: NORDSTEIN — NEW-YORK

RICHARD D. DUDLEY & CO. LIMITED

IMPORTADORES E AGENTES

TELEFONE:

MANSION HOUSE 6221-2

41, EASTCHEAP

LONDON, E. C. 3.

TELEGRAMAS:

GOODWILL, LONDON

IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES DIRECTOS AOS ARMAZENISTAS
EM TODA A INGLATERRA

E S P E C I A L I D A D E S

CONSERVAS DE SARDINHA E OUTROS PEIXES

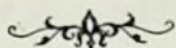
•
CONSERVAS DE FRUTOS E LEGUMES

•
AZEITE DE OLIVEIRA

•
FRUTOS SECOS — ALFARROBA — PIMENTÃO

•
VINHO DO PORTO — BRANDY

EMPRESA EXPORTADORA
LUSITANIA, L.^{DA}

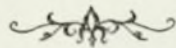


CONSERVAS DE PEIXE

*Sardinhas, Atum, Filetes
de Cavalas, Anchovas*

Marcas:

ODEON-TIVOLI
PACIFIC-SEABELLE



Telegrafo
LUSITANIA

Correspondencia
APARTADO, 100

Telefone
272

S E T U B A L

APA



SEVEN BRAND

SÃO CONSERVAS
DE CONFIANÇA

FABRICADAS POR

Manuel Pereira Junior

RUA BERNARDINO COSTA, 41 • LISBOA • PORTUGAL



Lopes da Cruz & C.^a, L.^{da}

Rua Brito e Cunha, N.º 513 a 541

MATOSINHOS — PORTUGAL



O LEÃO IMPÕE-SE PELA FORÇA...
COMO AS CONSERVAS
LOPES DA CRUZ & C.ª
PELA QUALIDADE

Com Fábricas em:

Matosinhos
e Vila do Conde



MARIE ELISABETH

A MARCA AFAMADA DAS CONSERVAS
DE SARDINHAS PORTUGUESAS

EM AZEITE E TOMATE

COM ESPINHA

SEM ESPINHA

SEM PELE E SEM ESPINHA

E DE FILETES DE ANCHOVAS

QUALIDADE EXCELENTE

JÚDICE FIALHO & C.^A
FARO

José Correia Pontes, L.^{da}

fabricantes de conservas de peixe
em azeite e em salmoira

Tele { gramas: Cerinhas — Olhão
fone: 17

Códigos { A. B. C. 5.^a Ed.
Bentley's
Privés

Olhão - Portugal

Severo Ramos, Ltd.

PORTIMÃO
PORTUGAL

Fabricants — Exportateurs

De Conserves de Sardines, Anchois
et Filets de Maquereaux

MARQUES DÉPOSÉES

Splendour — Marco Polo
— Rosebelle — Exquisite

Télé { gramme "SEVERO" Portimão
phone 22-23



ORGANIZAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO DAS CONSERVAS DE PEIXE

Criada pelos decretos-leis N.ºs 26.776, 26.776 e 26.777 de 10 de Julho de 1936

ORGANISMO DE COORDENAÇÃO ECONÓMICA

INSTITUTO PORTUGUÊS DE CONSERVAS DE PEIXE

(I. P. C. P.)

Director: C.º Daniel Duarte Silva

Director adjunto: Eng.º António Pinheiro de Magalhães Júnior

Director adjunto: Dr. António Ladislau Durão Ferreira

Delegado do Governo junto dos Grémios: Dr. Pedro Chaves Ferreira

ORGANISMOS CORPORATIVOS

GRÉMIOS DOS INDUSTRIAIS

DO NORTE

José António Ferreira Barbosa
Narciso José Barroso
Américo de Oliveira Bessa

Sub-delegado do Governo no Norte:
Cap. Rogério Correia Ferreira

De Sotavento do Algarve

José Amândio Guerreiro Correia
João de Brito Folque
Silvério Gonçalves Seias

Sub-delegado do Governo no Sul:
Dr. Fernando de Mendonça

DO CENTRO

Alfredo Augusto de Almeida
Manuel Pereira da Cruz
Filipe Nazareth Fernandes

DE SETÚBAL

Dr. Francisco Perienes
Diniz Lopes David
José Narciso Ferreira de Freitas

De Barlavento do Algarve

José Mendes Furlado
António da Silva Freitas
Manuel Gaspar Patrocínio

GRÉMIO DOS EXPORTADORES

Feliciano dos Anjos Pereira
Joaquim Vinhas Cabrita
João Veiga Henriques



*As sardinhas por-
tuguesas de conserva
são deliciosas e cons-
tituem um poderoso
alimento.*

